

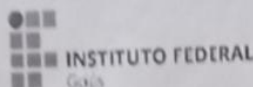
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM DANÇA

GISLENE DAIANA MATOS DE SOUZA MONTALVÃO

CORPO E DANÇA NA LITURGIA

APARECIDA DE GOIÂNIA

2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC – Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Lyoline Daiana M. de S. Montalvão
Matrícula: 20191090056063
Título do Trabalho: Leipo 10 dança na liturgia

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: ☒ Não ☐ Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no ReDi/IFG: 24/01/2022

O documento está sujeito a registro de patente? ☐ Sim ☒ Não
O documento pode vir a ser publicado como livro? ☐ Sim ☒ Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Lyoline Daiana M. de S. Montalvão 24/01/2022
Local Data

Lyoline Daiana M. de S. Montalvão
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

GISLENE DAIANA MATOS DE SOUZA MONTALVÃO

CORPO E DANÇA NA LITURGIA

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de artigo científico e performance artística, apresentado ao curso de Licenciatura em dança, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em dança desenvolvido na linha de pesquisa Dança e Cultura sob orientação do (a) Prof.(a) Dr.(a) Luciana Gomes Ribeiro.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M763 Montalvão, Gislene Daiana Matos de Souza

Corpo e dança na liturgia. / Gislene Daiana Matos de Souza
Montalvão. - Aparecida de Goiânia, 2021.
74 f.: il.

Orientador: Dra. Luciana Gomes Ribeiro.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de
Goiânia, Licenciatura em Dança, 2021.

1. Dança cristã. 2. Liturgia. 3. Corpo. 4. Sagrado. I. Título

CDD 792.8

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186

Termo de Aprovação

GISLENE DAIANA MATOS DE SOUZA MONTALVÃO

CORPO E A DANÇA NA LITURGIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Dança, sob orientação da Prof.^a Luciana Gomes Ribeiro.

Aprovado em 4 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Luciana Gomes Ribeiro

Presidente da banca / Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof.^a Tainá Dias de Moraes Barreto

Membro interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof.^a Maria Cristina de Freitas Bonetti

Membro externo

Universidade Estadual de Goiás

Aparecida de Goiânia – GO
2022

Documento assinado eletronicamente por:

- **CRIS BONETI, CRIS BONETI - Visitante - Universidade Estadual de Goiás - Unu - Esefego (07538347000131)**, em 05/03/2022 11:38:27.
- **Taina Dias de Moraes Barreto, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 09/02/2022 14:12:44.
- **Luciana Gomes Ribeiro, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 08/02/2022 17:31:45.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 28/01/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 240472

Código de Autenticação: e041da17a9



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5958 (ramal: 5985)

Dedico a Deus, pois ele quem fez meu
caminho até aqui.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de estudar em uma instituição de grande notoriedade, pois apesar de ter levado algum tempo para escolher um curso superior, sempre foi meu sonho concluir um.

Meu pai e minha mãe nunca tiveram a oportunidade de estudar, nem mesmo o básico, e passaram tal missão a mim, de forma que eu pudesse realizar o sonho que eles não conseguiram. Por isso, agradeço imensamente aos meus pais por ter acreditado e me incentivado. Como minha mãe fala: “ninguém tira o estudo de você”, por isso amo vocês.

Agradeço ao meu marido, passamos muitas dificuldades para concluir essa faculdade, mas aos “trancos e barrancos”, conseguimos! Essa vitória também é sua, Iury Montalvão.

Agradeço imensamente à minha orientadora Luciana Ribeiro pela paciência, além de possuir uma imaginação como ninguém, que ia nessa distinta viagem de conhecimento. Professora que professa a dança e que tem amor ao ensino, além de compartilhar seus conhecimentos comigo. Muito obrigada.

Por fim, agradeço aos integrantes do corpo docente da Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás-Câmpus Aparecida, por serem especiais e admiráveis, à todos, sem exceção, amo vocês.

“Os dançarinos são atletas de Deus.”
(Albert Einstein)

Resumo

MONTALVÃO, Gislene Daiana Matos de Souza. O corpo e a dança na liturgia. 2021. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) - Licenciatura em Dança. Instituição Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Estado de Goiás, 2021.

O trabalho se constitui de pesquisa bibliográfica, levantamento científico, mediada pela minha experiência na dança cristã. Abordamos a dança entrelaçada no conjunto das transformações pelas quais atravessou do protestantismo histórico ao pentecostalismo. Compreendemos, entrecruzando teoria com o movimento do real, que existem igrejas que preservam os dogmas mais antigos e estabelecem relação extremamente fechada e proibitiva diante do corpo, conseqüentemente, a dança não é permitida. Entretanto, as igrejas modernas modificaram e permitiram a dança nos seus rituais litúrgicos. A postura do reformista Martinho Lutero, fez uma grande diferença para os fiéis, trazendo as traduções da bíblia e distribuindo-as para que os cristãos pudessem ter acesso às informações ali contidas e compreendessem da forma que entendiam. Mesmo com a reforma, o pensamento sobre o corpo ainda permaneceu pautado pelo dualismo entre corpo e alma no meio cristão. A dança litúrgica ganhou o seu espaço na liturgia do culto, tendo destaque e sendo vista de forma positiva, não como apenas uma coreografia, mas como uma dança litúrgica, trazendo mensagens bíblicas e conteúdo do meio cristão. O desenvolvimento desta pesquisa tem a linha da dança e cultura, possibilitando momentos da cultura do protestantismo para entender o corpo e a dança nesse contexto histórico. Os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa são Salles (2014), Nunes (2006), Portella, (2012), Matos (2006), WULFHORST. (1995), Alencar (2012), Salles (2014), Mendonça (2009), Cunha (2007), Torres (2007), Le Goff e Strong (2006), Rodrigues (2013, 2014), Caldeira (2008), Sant'anna (1995), Cassimiro e Galdino. (2012), Moreira (2016), Santos (2020), Carvalho (2019), Marchi (2005) e Lima (2012).

Palavras-chave: **dança cristã, liturgia, corpo, sagrado.**

Abstract

MONTALVÃO, Gislene Daiana Matos de Souza. The body and dance in the liturgy. 2021. 74 f. Completion of course work (Graduation) - Degree in Dance. Federal Institution of Education, Science and Technology of the State of Goiás, 2021.

The work consists of bibliographic research, scientific survey, mediated by my experience as a Christian dancer. We approach the dance intertwined in the set of transformations through which it crossed from historical Protestantism to Pentecostalism. We understand, intersecting theory with the movement of reality, that there are churches that preserve the oldest dogmas and establish an extremely closed and prohibitive relationship with the body, consequently, dancing is not allowed. However, modern churches have modified and allowed dancing in their liturgical rituals. The position of the reformer Martin Luther, made a big difference to the faithful, bringing the translations of the Bible and distributing them so that Christians could have access to the information contained there and understand the way they understood. Even with the reform, the thought about the body still remained guided by the dualism between body and soul in the Christian environment. Liturgical dance gained its space in the liturgy of worship, being highlighted and seen in a positive way, not just as a choreography, but as a liturgical dance, bringing biblical messages and content from the Christian environment. The development of this research has the line of dance and culture, enabling moments of the culture of Protestantism to understand the body and dance in this historical context. The theoretical references that support the research are Salles (2014), Nunes (2006), (Portella, 2012), Matos (2006), (WULFHORST. 1995), Alencar (2012), Salles (2014), Mendonça (2009), Cunha (2007), Torres (2007), Le Goff and Strong (2006), Rodrigues (2013, 2014), Caldeira (2008), Sant'anna (1995), Cassimiro and Galdino. (2012), Moreira (2016), Santos (2020), Carvalho (2019), Marchi (2005) and Lima (2012)

Keywords: Christian dance, liturgy, body, sacred.

LISTADE FIGURAS

Figura 1 - Onda do pentecostalismo no Brasil	22
Figura 2 - Primeiro cd Diante do Trono.	49
Figura 3 - Coreografia Corpo de cristo	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1.CAPÍTULO 1: A religião Protestante e seus movimentos	16
1.1 Protestantismo	18
2.2 Pentecostalismo	22
1.2.1 Pentecostalismo Clássico	23
1.2.2 Pentecostalismos Renovado ou Carismático	26
1.2.3 Neopentecostal e a Explosão Gospel	27
1.3 Protestantismo no Brasil	31
2. CAPÍTULO 2: Corpo e dança na religião protestante	34
2.1 Trajetórias do Corpo	35
2.2 A Dança no Protestantismo	43
3.CAPÍTULO 3: A Dança como parte da Liturgia	50
3.1 Conceito de Sagrado	51
3.2 Dança como parte da Liturgia	54
4. CONCLUSÃO	64
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	73

INTRODUÇÃO

Tive contato com a dança cristã aos treze anos de idade, no ano de 2007, quando passei a frequentar a igreja. Logo no início passei a fazer parte do grupo de coreografia. Antes deste ocorrido, a dança sempre esteve presente, desde minha infância, o axé era o ritmo que mais dançava e apreciava, fazia apresentações nas festas da escola, local das minhas primeiras experiências com o palco. Na igreja, percebi que o ritmo mudou, era mais lento e raramente agitado. Mesmo com a mudança brusca dos ritmos, a dança me proporcionou um momento único, onde esquecia de tudo e só me concentrava na letra e na melodia da música, como se estivesse em "transe".

Por meio desta pesquisa, venho abordar sobre essa dança que estimo e transformou-me, e refletir sobre a inserção do corpo no contexto cultural protestante. Ao longo de quinze anos de religião evangélica, venho me apresentando artisticamente nesse espaço, de modo que comecei a refletir sobre como o corpo se comporta dentro da dança cristã, tendo em vista que nem todas as igrejas aceitam a dança e, se aceitam, há uma restrição ao dançar e se movimentar, dependendo do nível de altura, surgindo, variações de danças protestantes. Quando comecei a dançar no meio cristão, os movimentos e a dança eram diferentes do que é agora, houve uma diferença gigantesca, os movimentos utilizavam mais os braços, mais giros, poucos movimentos com o tronco e pouquíssimo contato com o chão, baseados em passos bem marcados e repetidos.

A globalização, associada a muitos outros fatores culturais, sociais e históricos, possibilitou uma nova ideia de imagem de corpo, principalmente entre os jovens, um desejo por novos hábitos e comportamentos, em oposição às denominações tradicionais e impulsionando o surgimento de novos grupos de danças, com hábitos e comportamentos diferentes, trazendo renovação cultural do corpo. Essas informações presentes fazem parte da reorganização em tempo real, e o corpo passa a ser uma via de informações de si mesmo, ele é um agente ativo que passa fluxo contínuo de entre o corpo.

Visa analisar o surgimento e as transformações da dança no contexto da religião protestante para compreender como esse corpo se comporta e é tratado

nesses movimentos religiosos. Como é posto o dogma de se interagir com a sociedade, entender o corpo que dança na expectativa e o que é retratado como sagrado ou profano de conceito de religião.

Será retratado a trajetória do corpo, como foi e é tratado, estudando o comportamento do protestantismo em relação ao pensar sobre o corpo humano em seu tempo e, a partir daí, como foi influenciando outras comunidades, pegando seus pensamentos e talvez concluindo como o certo, do pensar do corpo para aquele momento, priorizando o pensar do corpo/alma, corpo/mente, de forma que o corpo pode ser a prisão da alma, tendo um dualismo como o bem e o mal, um conflito. Alguns estudiosos do assunto apontam que não é esse conflito que o corpo foi redimido pelo sangue de Jesus, que não há mais pecado, não sendo mais profano. Os filósofos sempre deram valor à perspectiva de que o mundo era mais importante no período em que os gregos passaram a cultuar o corpo, logo, a ideia de corpo em harmonia com a alma.

Por fim, como é a dança como parte da liturgia, além da palavra e do louvor, que são elementos culturais desta religião. Atualmente, em muitas comunidades cristãs protestantes, a dança é vista como um momento litúrgico que traz a palavra, que evangeliza e proporciona conforto ao público. Mas, mesmo no século XXI, ainda se tem receio da dança, por ser uma pregação por meio da movimentação do corpo. Isso traz desconforto dependendo do gesto a ser desferido pelos dançarinos, a medida que o movimento se sistematiza em uma dança, ele começa a ser aprimorado através de técnicas específicas de outros estilos, como o balé, a dança moderna e outras. As transformações motoras do ser humano chegaram até às técnicas conhecidas na contemporaneidade, de modo que a proposta é mostrar como são colocadas as danças pelas congregações atuais, executadas e expostas nas comunidades e como ela se envolve nessas igrejas, bem como analisar a forma que o corpo é tratado, envolvido nessa expectativa do século XXI.

1.CAPÍTULO 1: A religião Protestante e seus movimentos

O cristianismo, como religião, se originou com o nascimento de Jesus Cristo, descrito no velho testamento da Bíblia Sagrada como promessa e profecias que se cumpre no Novo Testamento, e com “A Sua vinda foi tão marcante que, desde o seu nascimento, ano 1, é registrada a Era Cristã, sendo que a cronologia histórica se divide em antes de Cristo e depois de Cristo.” (NETO, 2010, Pg.42).

A religião cristã é baseada na vida de Jesus Cristo e em seus ensinamentos, registrados nas escrituras intituladas como o Novo Testamento da Bíblia, composta pelos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Esses foram alguns dos discípulos de Jesus Cristo mais próximos que narram sua vida, morte e ressurreição. O marco central é justamente a salvação de todos os pecadores da terra por meio do sacrifício da vida do filho de Deus, que foi crucificado e ressuscitou indo ao encontro de seu pai. Este acontecimento passou a ser profetizado “Após a crucificação e ascensão, aproximadamente em 33 D.C., seus discípulos pregaram entre os judeus do Leste do Mediterrâneo e registraram sua fé em Escrituras, ajudando a difundir o Cristianismo.” (NETO, 2010, Pg. 46).

Salles (2014) aponta que “devido a uma diferença radical no entendimento de corpo no cristianismo, foram forjadas duas correntes culturais: o judaísmo e a filosofia grega.” A religião judaica não concebia o dualismo entre o corpo e a alma, mas concebe o ser humano como unidade, sendo o corpo, alma e espírito aspectos dessa totalidade humana, pois os dois fazem parte da mesma constituição, de modo que tudo no homem é corporal, tudo é espiritual e tudo é alma, caracteriza Wachholz e Darius (2012). Já na filosofia grega há o dualismo entre o corpo e alma, que o corpo é para a fraqueza do pecado e alma celeste.

O Cristianismo, com decorrer do tempo, gerou duas correntes: a ocidental, baseada em Roma, reconhecida como a Igreja católica, e a oriental baseada em Constantinopla - hoje Istambul, em 1054 houve uma ruptura marcante que a faz se tornar cristalina e que até hoje é conhecida como o Grande Cisma ou Separação, que gerou a Igreja ortodoxa. Muito tempo depois, com o movimento da Reforma, emergiu o protestantismo, terceira corrente do Cristianismo.

O Cristianismo apostólico Romano é baseado nas narrativas dos primeiros discípulos de Jesus, sendo registrado por volta dos anos 30 e 40 do século I, nos evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João, e foram organizados no século II, quando bispos da época decidiram compor as escrituras. Tinham de traduzir os textos para vários idiomas e divulgá-los entre vários povos. Até o século III, os quatro evangelhos não eram populares, contudo, foram elogiados desde o século II pelos pensadores da Igreja, mas até então não eram livros oficiais. Quando o imperador de Roma, Constantino, entrou em cena e interveio no impasse, o Império romano estava em crise. O imperador necessitava de uma bandeira para expansão romana, que queria convencer outros povos a aceitarem o seu domínio, então, converteu-se ao cristianismo e se estabeleceu uma aliança, de um lado, o imperador romano, de outro, os cristãos que desejavam divulgar a Mensagem de Cristo mundo afora. Neto¹ (2010) acrescenta que:

Em 320, o Cristianismo tornou-se a Religião oficial do Império romano. E assim, a Igreja católica cresceu, a partir da primitiva comunidade cristã de Roma que, por sua vez, passou a considerar São Pedro o primeiro bispo da cidade como, também, o primeiro Papa; depois da queda de Roma, a Igreja sobreviveu na Europa Ocidental e se tornou a força dominante do Cristianismo, nesta região. Hoje, o catolicismo é aceito e praticado em todo o mundo (NETO, 2010, p, 13).

O cristianismo ortodoxo seria, na verdade, produto de Irineu, pai da Igreja posterior, do século II, e daqueles que o seguiam. Com o passar dos tempos, houveram milhões de comentários acerca dos escritos de Nag Hammadi que é uma coleção de textos gnósticos do cristianismo primitivo (período que vai da fundação até o Primeiro Concílio de Nicéia em 325) descoberta na região do Alto Egito, perto da cidade de Nague Hamadi, em 1945, por um camponês local chamado Mohammed Ali Samman, que encontrou uma jarra selada que estava enterrada, seu conteúdo

¹ Neto- Possui graduação em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1973). Tem experiência na área de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo e Editoração. <https://www.escavador.com/sobre/3489924/antonio-augusto-machado-de-campos-neto>.

possuía treze códices de papiro embrulhados em couro. Os códices contêm cinquenta e dois textos, em sua maioria gnósticos².

A ortodoxia é intitulada de emergente em seus primeiros anos, porque não estava cristalina³ que ela integrava a fé cristã. A obra de Elaine Pagels defende que essa fé emergente saiu melhor que seus oponentes. Elaine Pagels (Palo Alto, 13 de fevereiro de 1943, Palo Alto, Califórnia) é uma professora norte-americana de religião na Universidade de Princeton, Ph.D. pela Universidade de Harvard. Em Harvard fez parte de um grupo que estudou os manuscritos de Nag Hammadi. Dessa experiência resultou a base para o seu primeiro livro *Os Evangelhos Gnósticos* (The Gnostic Gospels, 1979). O livro é uma introdução aos textos de Nag Hammadi para o público leigo e é, desde o seu lançamento, um best-seller. Nos EUA, ganhou os prêmios *National Book Critics Circle Award* e *National Book Award* e foi escolhido pela *Modern Library* como um dos 100 melhores livros do século XX.

A Igreja ortodoxa é influente na Grécia, Turquia e no Leste da Europa, sobretudo na Rússia e na Bulgária. Os ortodoxos se utilizam do idioma grego e os ocidentais do latim, rejeitam a autoridade do Papa, considerando que todos os bispos são iguais. E, somente muito tempo depois, surge o protestantismo que foi a maior ruptura dentro do cristianismo contra o catolicismo, e veio em protesto contra a liderança papal e suas doutrinas impostas.

1.1 Protestantismo

Segundo Souza⁴ (2007), a Reforma Protestante surgiu por conta do grande descontentamento que existia em relação à situação da Igreja Católica entre 1517 e

² Gnóstico- Adepto do gnosticismo, movimento religioso que mescla aspectos do cristianismo convencional, misticismo e especulação filosófica, sendo o conhecimento obtido tendo em conta as verdades divinas, por oposição à matéria. <https://www.dicio.com.br/gnostico/>

³cristalina - Pertencente, relativo a, ou que é feito de cristal: corpo cristalino. Que tem as qualidades do cristal, que é semelhante a ele; transparente, translúcido, límpido, claro: águas cristalinas. Cujo som é puro como o do cristal quando o ferem: voz cristalina. Rocha cristalina, rocha produzida pela solidificação, em profundidade, de uma massa mineral em fusão: o granito é uma rocha cristalina. <https://www.dicio.com.br/cristalino/>

⁴ Souza- Mestre em Economia do Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Economista da Universidade Federal do Pampa, atuando na área de finanças e orçamento, com uso de Siafi e Siasg, lotado na Pró-Reitoria de Administração, na Coordenadoria de Contratos e Compras. Amplo conhecimento de Siasg e Siafi, gestão de contratos e termos aditivos, cálculos econômicos. Experiência como Economista da universidade desde 2006. Amplo conhecimento do sistema SEI. <https://www.escavador.com/sobre/2407795/nilson-levi-zalewski-de-souza>

1564. Contestava-se a estrutura e os dogmas da Igreja Católica, rompendo com a unidade do cristianismo, questionando, sobretudo, a supremacia papal.

A Reforma causou profundas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, pois somente a Igreja podia interpretar as escrituras, sendo vedado ao povo ler a Bíblia. Muitos pensadores pré-reformistas já tinham questionado sobre os dogmas da Igreja Católica, mas nunca obtiveram êxito. Quem realmente se levantou a discutir foi um alemão chamado Martinho Lutero, que publicou 95 teses e colocou na porta da igreja do Castelo de Wittenberg em 31 de outubro de 1517, que se tornou a base da Reforma. Posteriormente, no século XVII, João Calvino espalhou na parte da Europa. “O movimento protestante calvinista é levado para Genebra, Escócia, e chega à Inglaterra no século XVII, e lá, devido a questões políticas, toma uma forma extremamente radical com o puritanismo.” (SALLES. 2014. pág.22). O puritanismo de Calvino pregava um princípio para que as pessoas se convertessem ao cristianismo, livrando-se da maldade do mundo, abandonando as práticas ilícitas contra o corpo, para servir totalmente a Deus.

Com a Reforma e as propostas feitas pelos fundadores desse movimento, ficou evidente que o processo interpretativo dos escritos bíblicos pode ser efetuado individualmente e que o texto bíblico se presta a essa atividade. Antes da Reforma não era dado ao leigo o direito de interpretação do texto bíblico, tarefa essa exclusiva do clero e que justificava o entendimento segundo o qual os fiéis deveriam ser conduzidos às conclusões necessárias. Lutero inaugurou a era em que cada cristão poderia ter sua Bíblia e, inevitavelmente, poderia elaborar suas conclusões particulares. (RODRIGUES. 2016. p. 162)

Segundo Rodrigues (2016), para que os fiéis tivessem um caminho para se guiar nessa nova etapa, Lutero propôs alguns princípios como: a Bíblia como maior parâmetro, o sacerdócio universal dos crentes e a clareza da mensagem bíblica. A tradução do Novo Testamento e o cânon dentro do cânon, são regras que dizem respeito à fé e à disciplina religiosa, para que ninguém os enganasse e criasse sua própria fé somente em Deus.

Com a reforma, o protestantismo se organizou em três ramificações: luterano baseado em Martinho Lutero, calvinista por João Calvino e anglicana fortalecida pelos regentes de Eduardo VI, contudo, as que se espalharam foram a luterana e a calvinista.

Movimento luterano: Rodrigues (2016) fala dos princípios basilares que Lutero defende: acima de qualquer outra autoridade estaria a autoridade do texto bíblico e, da leitura e entendimento das escrituras, resultaria um tipo de consciência esclarecida da qual deveriam derivar as escolhas individuais do fiel; o incentivo aos cristãos de desfrutarem da liberdade que o Senhor concedia a quem buscasse discernimento e orientação diretamente da bíblia; o esclarecimento sobre o seu conteúdo viria do próprio Deus. Lutero acreditava que, após ter sido entendido o artigo central da justificação por graça e fé, a escritura se tornava clara, isto é, no processo de leitura e interpretação gradual da bíblia, preocupação em tornar o texto original próximo da linguagem popular. Se por um lado, essa preocupação quanto à tradução para o idioma alemão favoreceu o contato entre povo e as Escrituras, do outro, o monopólio da igreja sobre o texto bíblico começou a ruir. Lutero nas suas interpretações em relação ao corpo, religião e sociedade, é influenciado pela cultura do judaísmo que o corpo é uma totalidade, uma unidade constituída pelo corpo, alma e espírito, e com isso o corpo não precisava sofrer penitência.

Movimento calvinista: explicava que, por culpa de Adão, todos os homens já nasciam pecadores (pecado original), mas Deus tinha escolhido algumas pessoas para serem salvas, enquanto outras seriam condenadas à maldição eterna. Portanto, nada que os homens pudessem fazer em vida poderia mudar-lhes o destino, previamente traçado. Mas a fé, existente em alguns indivíduos, podia ser interpretada como um sinal de que elas pertenciam ao grupo dos eleitos por Deus à salvação. Tais pessoas, os eleitos, sentiriam dentro do coração um irresistível desejo de combater o mal do mundo⁵, simplesmente para a glória de Deus. O calvinismo condenava práticas como o jogo e o culto às imagens de santos, pois acreditavam que não necessitava de intermediários, visto que possuía contato direto com Deus, através do acesso às escrituras. As penas impostas aos infratores eram geralmente duras e cruéis. Alencar⁶ (2012) expõe que Calvino se revoltou com essa prática.

⁵ O mal do mundo: Trata-se da concepção de Agostinho de Hipona a respeito da origem do mal e tem por fundamento retirar de Deus qualquer responsabilidade de ser o autor do mal e mostrar que o responsável pela origem do mal é o próprio homem por meio do seu livre-arbítrio. <http://www.unicap.br/ocs/index.php/cncrt/cncrt/paper/viewFile/277/61>

⁶ Alencar- possui graduação em História e em Direito pela Universidade Federal Fluminense (2009 e 2014), especialização em Política Internacional (2014) e mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (2012). É pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Teoria Política e Pensamento Político Brasileiro, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência nas áreas de História do Brasil e História do Pensamento Jurídico e Político. <https://www.escavador.com/sobre/4300441/flavio-lemos-alencar>

Calvino empenhou-se na total cristianização da vida, revoltando-se contra o que possa ser alcançada pela razão humana natural e das instituições eclesiais, a qual teria sido obra da Igreja romana; pairando acima das realidades humanas, para Calvino, o cristianismo devia completamente espiritual, anulando completamente o que houvesse de natural, de humano, de material, na vida dos indivíduos e do povos.(ALENCAR, 2012, p. 30)

Movimento anglicano: Foi pela contextualização política no período de formação do anglicanismo inglês, simplesmente criado aos interesses patrimoniais pelo rei Henrique VIII que, impedido pelo papa de se divorciar de sua esposa, Catarina Aragão, teria “criado” uma nova religião, para se casar com Ana Bolena. Foi concebida como um simples desejo pessoal do rei da Inglaterra, mas que correspondeu às necessidades políticas e econômicas do reino para libertar-se das amarras impostas pela Igreja Católica, utilizando-se para isso das doutrinas que defendiam o Absolutismo Monárquico.

As igrejas que se originaram da Reforma guardam alguns princípios gerais que geraram vários movimentos locais e nacionais, são luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas, consideradas as tradicionais. O protestantismo, em geral, teve quatro ondas de transformações até os dias atuais. A **primeira onda** pentecostal no Brasil ocorreu entre 1910 e 1940 por influência do modelo pentecostal estadunidense e com a fundação das duas maiores denominações protestantes — Igrejas Congregação Cristã do Brasil e Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

A **segunda onda** pentecostal aconteceu nas décadas de 1950 e 1960, surgiram nos grandes centros urbano-industriais da região sudeste do país, o que repercutiu na formação de outras duas grandes denominações concorrentes — Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Pentecostal Deus é Amor.

A **terceira onda** pentecostal no Brasil que se desenvolve entre os anos 1970 e 1980 com a Igreja Universal do Reino Deus e Igreja Internacional da Graça, por meio da difusão da teologia da prosperidade e da instrumentalização de uma organização corporativa centralizada e verticalizada com forte capacidade financeira, patrimonial, midiática e política.

A **quarta onda** pentecostal se deu a partir dos anos 1990 e se mantém até os dias atuais, com o surgimento de novas denominações, fortalecimento das redes empresariais do mercado gospel, com consequente publicização midiática, em demasia, do protestantismo a distintos públicos e difusão das redes eclesiásticas do pentecostalismo celular por meio de cultos itinerantes que obedecem a um modelo organizacional circunscrito por células, grupos familiares e discípulos, tal como presente no Ministério Internacional da Restauração e na Igreja da Paz.

Quadro 1 – Ondas do pentecostalismo no Brasil				
Ondas		Período	Características das redes	
1ª Onda	Pentecostal	1910-1940	Práticas comuns de fala de línguas estranhas; pregação de usos e costumes; bem como, ênfase nas camadas populares mais pobres da sociedade.	
2ª Onda		1950-1960	Ordinárias práticas religiosas de busca pela cura divina; evangelismo itinerante; assim como utilização do rádio como meio de difusão da palavra.	
3ª Onda	Neopentecostal	1970-1980	Teologia da prosperidade; costumes mais liberais, investimento em canais de telecomunicações; profissionalização dos pastores.	
4ª Onda		1980-2000	1ª fase	Adaptação da mensagem cristã para a estética e cultura juvenil; ênfase no evangelismo das tribos urbanas; segmentação reticular; fortalecimento do mercado gospel.
	Celular	1990-hoje	2ª fase	Realização de reuniões em grupos pequenos nas casas e praças; maior participação dos membros na liderança das redes; aumento da importância do fiel para o crescimento da denominação.

Fonte: Mariano (2008), Jungbult (2007) e Matos (2006).

Figura 1 – Onda do pentecostalismo no Brasil

Fonte: Expansão do protestantismo no Brasil e suas configurações na Amazônia legal.⁷

2.2 Pentecostalismo

O pentecostalismo teve raízes originadas dos metodistas avivalistas, sendo que a tônica central estava direcionada para a prática incessante da oração. Os pentecostais passaram a denominar o contato mais próximo com Deus, de batismo no ou do Espírito Santo, tomando como referência bíblica o livro de “Atos dos Apóstolos”, em que se iniciou esse fenômeno.

Alguns aspectos fundamentais da doutrina pentecostal, inclusive uma hierarquia nos dons, demonstrando-se especificamente na glossolalia, que é

⁷ SENHORAS, Eloi Martins; SANTOS, Alexandre Felipe Pinho dos; CRUZ, Ariane Raquel Almeida de Souza Cruz. **Expansão do protestantismo no Brasil e suas configurações na Amazônia legal**. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 18, n. 25, p. 136-149, dezembro de 2016.

considerada um dos mais altos, e às vezes se tem a impressão de que é o mais alto, lembrando que o falar em línguas já era exigido como sinal visível do Batismo do Espírito Santo. Em relação à segunda vinda de Cristo os pentecostais ressaltam incansavelmente que estaria bem próxima e que ele acolherá os convertidos, formando o seu povo eleito, e separará os perdidos e mundanos. Postura diferente diante da sociedade. (WULFHORST.⁸ 1995)

1.2.1 Pentecostalismo Clássico

O pentecostalismo vem de um propósito originário de ser uma corrente de espiritualidade, centrada mais na pessoa do que na instituição, livre e inclusiva. De renovação tradicional; de livre à institucional; de intolerante; de missionário a centralizado em suas estruturas; de leigo a sacerdotal; da lógica de irmandade à lógica de poder.

Júnior⁹ e Rosa¹⁰ (2016) falam que pentecostal veio para todos e:

Por isso o pentecostalismo surgiu com um grande fervor missionário e espalhou-se rapidamente por todo o mundo. Todos aqueles que recebessem o batismo no Espírito Santo, homens e mulheres, brancos ou negros, estavam capacitados para pregar a palavra de Deus, fato este que tornou o pentecostalismo nascente um movimento leigo e inclusivo, uma vez que todos eram capacitados pelo Espírito Santo. (JÚNIOR; ROSA. 2016. p. 246).

⁸Wulffhorst- Graduação em Teologia (1968) pela Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, doutorado em Ciências da Religião (1984) pela Ludwig-Maximilians-Universität München, Munique e pós-doutorado em Diálogo Inter-Religioso (1997) pelo Luther Seminary, Minneapolis. Atuou como Secretário de Estudos e Pesquisas em Genebra (2001-2006), professor, assessor teológico e pastor na IECLB até a aposentadoria (2009). Atualmente é Assessor Teológico na Diversidade Religiosa e professor, com ênfase em Ciências da Religião, Diálogo Inter-Religioso, Ecumenismo, História das Religiões, Diversidade Cultural-Religiosa, Tradições Religiosas no Ensino Religioso, O Fenômeno Religioso e o Sagrado no Ensino Religioso, Textos Sagrados, Teologia Comparada das Religiões, Espiritualidade, Espiritualismo, Cura e Salvação. <https://www.escavador.com/sobre/3114333/ingo-wulffhorst>

⁹ Junior- Doutorando em Planejamento Regional e Gestão da Cidade pela Universidade Cândido Mendes (UCAM); Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). Pós-graduado em História e Cultura no Brasil pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Pós-graduado em Tutoria em Educação a Distância e Docência do Ensino Superior (ICETEC); Pós-graduado em Filosofia e Sociologia (ICETEC); Pós-graduado em Metodologia de Ensino Religioso e Artes (ICETEC); Pós-graduado em História e Filosofia (UNINTER). Licenciado em História pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell (ISEED) e Bacharel em Teologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da CGADB (FAECAD). Possui formação em Música Clássica pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM) e em Psicanálise Clínica (FAITEB). <https://www.escavador.com/sobre/9262616/paulo-jonas-dos-santos-junior>

¹⁰ Rosa- Doutorando em Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Graduado em Filosofia pela Faculdade São Luiz. Membro da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP) e da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Atua principalmente nos seguintes temas: catolicismo e pentecostalismo no Brasil; gênero, sexualidade e religião; homossexualidade e cristianismo. <https://www.escavador.com/sobre/197149372/andre-luis-da-rosa>

No século XX surge uma renovação no protestantismo. A primeira fase do pentecostalismo recebeu o nome de pentecostalismo clássico e nasceu nos círculos protestantes, mas não foi reconhecido pelas igrejas protestantes tradicionais **luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas**, de modo que os adeptos fundaram logo igrejas próprias. A Congregação Cristã, estabelecida no Brasil em 1910 e a Assembléia de Deus (1911), que se caracterizaram pela crença no dom de línguas — a glossolalia —, pelo anticatolicismo, pelo ascetismo e sectarismo radicais, sendo que a segunda denominação parece demonstrar maior assimilação quanto às mudanças no campo pentecostal e na sociedade em geral (PORTELLA, 2012).

Matos (2006) fala da primeira onda do pentecostal:

A primeira onda, ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, trouxe para o país duas igrejas: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembléias de Deus (1911). Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos. A Assembléia de Deus foi a que mais se expandiu, tanto numérica quanto geograficamente. A Congregação Cristã, após um período em que ficou limitada à comunidade italiana, sentiu a necessidade de assegurar sua sobrevivência por meio do trabalho entre os brasileiros. (MATOS. 2006. p. 38).

As reuniões de oração ficaram conhecidas pelo fervor, pregação simples, existencial/testemunhal, musicalidade, manifestações espirituais, clima de irmandade e alegria. Um movimento para todos, com a capacidade de aproximação das classes de pessoas mais sofridas e oprimidas, distantes dos ideais de uma sociedade capitalista, visando anunciar a salvação em Cristo, sem criar acepção entre as pessoas. A valorização da autonomia da pessoa no seio da vivência comunitária pentecostal são os de reuniões de oração e o testemunho na igreja. No que tange ao primeiro aspecto, os adeptos do pentecostalismo costumam fazer vigílias de oração e manhãs de jejum.

O pentecostalismo não veio para fundar novas igrejas, e sim “(...) com o sentimento de superação de um cristianismo institucional e burocrático, hoje ele vivencia a luta entre instituição e carisma no interior das próprias denominações” (JÚNIOR; ROSA. Pág. 249). Pelo que é consenso entre os cientistas da religião, o

pentecostalismo objetiva se voltar ao sagrado, e tal prática influenciou todo o cristianismo.

A vida nova costumava refletir positivamente nos relacionamentos do crente no lar, no trabalho, na rua. É inegável a constatação de que muitas pessoas largaram vícios que a prejudicava individualmente e socialmente (no ambiente familiar, trabalho e entre outros), deixando de agir de forma violenta, encontrando rumos mais saudáveis para vida, saindo de situações de depressão e falta de sentido por meio da adoção de uma ética rigorosa fundamentada na fé de que está pertencendo a Deus. Além de proibir os vícios (seja em substâncias ilícitas ou em jogos de azar), o pentecostalismo clássico reforçaria os laços familiares e a união doméstica, inclusive protegendo mulheres e permitindo melhoria econômica para a família, a partir de uma vida mais regrada da pessoa. Portella¹¹ (2012) fala das vestimentas e como se comportar na sociedade:

Homens e mulheres que não têm condições de estar na moda e sequer têm acesso a grifes e à beleza (segundo os padrões da sociedade dominante hodierna) deixam seus cabelos crescerem, não vão a cabeleireiros, salões, não usam maquiagens, vestem-se uniformemente, sem preocupação com as tendências da moda oficial da sociedade (aqui refiro-me, particularmente, à Congregação Cristã e às Assembléias de Deus que dão mais ênfases nos chamados costumes). A padronização do vestuário (mulheres de saia/vestido e homens de ternos) ajuda, também, a nivelar todas as pessoas, eliminando diferenças sociais. (PORTELLA. 2012. p. 11)

O caráter individualista da ética pentecostal traz a preocupação primeira do crente para consigo mesmo, com sua santidade, com a manifestação de frutos de salvação em sua vida. A lógica deste individualismo parece ser a de que, ao identificar uma pessoa, o mesmo ocorre com o mundo, que encontram no pentecostalismo uma elaboração teórico/teológica do mundo que lhes sublima estas carências, e a exclusão que as pessoas fazem pode ser considerada uma reação negativa à sociedade capitalista que quer vender seus produtos e veicular a sua ideologia do que é bom, belo e digno.

A dignidade do crente pentecostal clássico, evidenciada em sua ética, é uma contra-cultura, uma forma de contestação silenciosa do capitalismo e do consumismo.

¹¹ Portella- Doutor em Ciência da Religião (UFJF) Professor Adjunto do Departamento de Ciência da Religião da UFJF. Revistas.pucsp.br/reveleiteo/article/view/13129.

O uso de roupas distintivas é obrigatório, sendo que os homens precisam vestir-se dentro do modelo clássico e as mulheres podem usar somente saias longas e cabelos sem cortar, como sinônimo de pudor e santidade. (PORTELLA, 2012). Por mais que os séculos mudaram, ainda se tem fiéis com esse comportamentos, com essas morais intactas, suas fidelidades aos dogmas continuam firmes acreditando ser verdadeiros estes segmentos nos tempos atuais.

1.2.2 Pentecostalismos Renovado ou Carismático

A partir do ano de 1956, surgiu o movimento denominado pentecostal renovado ou carismático no seio das igrejas protestantes tradicionais, como luteranos, anglicanos, presbiterianos, metodistas, batistas e outros grupos. Cumpre salientar que a experiência pentecostal foi acolhida até mesmo pela Igreja Católica Romana desde de 1967. Esse movimento tem como características a forma de manifestação da fé, o culto ao Espírito Santo, a manifestação dos carismas, mais empatia pelo outro, sendo convidativo através da oração, glossolalia, cura através dos conselheiros espirituais e a valorização da música. As denominações adeptas nessas manifestações são a Igreja Evangelho Quadrangular (1953), Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962) e Casa da Benção (1964), marcadas pela ênfase na cura divina, pregações de teor avivalista¹² e no uso do rádio como veículo proselitista¹³ para alcançar mais fiéis de forma estratégica.

A segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e início dos anos 60, quando houve uma fragmentação do campo pentecostal e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do

¹² Avivalista- também chamado "avivacionista", tem origem na palavra americana "revivalist", é uma pessoa que divulga o avivamento cristão para os que aceitam a Cristo, e que ocorre com mudança de comportamento de uma pessoa, um povo e uma nação. Várias coisas aconteceram durante o avivamento desde o batismo no Espírito Santo como citado em Pentecostes (Atos 2:4), e também curas, milagres, até a divulgação de outros avivamentos pelo mundo. <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/avivalista/5850/>

¹³ proselitista- é a ação ou empenho de tentar converter uma ou várias pessoas em prol de determinada causa, doutrina, ideologia ou religião. O propósito do proselitismo é criar prosélitos (do grego *prosélytos*), ou seja, pessoas que foram convertidas para uma nova religião, doutrina, ideologia, filosofia ou causa, mesmo sem haver interesse inicial para esta conversão. <https://www.significados.com.br/proselitismo/#:~:>

Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas voltadas de modo especial para a cura divina. Essa segunda onda coincidiu com o aumento do processo de urbanização do país e o crescimento acelerado das grandes cidades. (MATOS. 2009. p. 39).

A partir dos anos 50 há a utilização dos rádios pelos pentecostais ligados ao movimento da “cura divina” ou “tendas divinas” fundadas pelos missionários Harold Williams e Raymond Boatright, origem da cruzada Nacional de Evangelização, tendo a estratégia de usar esses mecanismos de comunicação como apoio nas pregações. Nessa época, as duas principais denominações pentecostais brasileiras, a Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, desestimularam a posse de aparelhos de rádio ou de televisão. Ainda na XIX Convenção Geral das Assembléias de Deus, conforme a revista Mundo Cristão (outubro de 1961), tal igreja proibia os pastores de terem aparelhos de TV em casa, solicitando ainda que os seus membros procurassem se desfazer deles. A restrição aos meios de comunicação de massa foi herdada por David Miranda, pastor fundador da Igreja Assembléia de Deus ou da Congregação Cristã no Brasil daquele período histórico, que propagava a seguinte recomendação: “Aquele que tem TV em casa perde o prazer de buscar e louvar o Senhor [...] ter TV em casa é ter o mundo dentro de casa. Por isso não vamos dar Santa Ceia para quem recusar esta determinação de Deus [...]”, na Rádio Universo de Curitiba, dia 4/5/95. Campos (2004).

Nesse período houve duas rupturas, na primeira abertura dos repertórios das igrejas cristãs houve modificações de fora das listas de músicas autorizadas pela instituição, os hinos ou livros de canto. A segunda gerou aquecimento do mercado interno de circulação de músicas, surgindo grupos religiosos, cantores e gravadoras e disputas de mídias por questões religiosas.

1.2.3 Neopentecostal e a Explosão Gospel

O neopentecostalismo é um movimento tipicamente urbano, como uma “terceira onda”. O próprio neopentecostalismo da “Igreja Universal”, que é marcado por incessantes reuniões de exorcismo e expulsão de demônios, surge a partir da década de 70 no Brasil, caracterizando-se por enfatizar a teologia da prosperidade,

na qual defende que o cristão deve ser próspero, com condições financeiras consideráveis, feliz com a vida que possui e vitorioso com realizações de metas e sonhos em sua vida terrena. Estabelece-se uma espécie de “contrato” com Deus, em que “quanto mais se dá para Deus, mais se recebe.” Outra grande característica das igrejas neopentecostais é o uso intensivo da mídia. Vivenciamos uma verdadeira proliferação de programas evangélicos de rádio e televisão. Essa estratégia midiática contribui de forma decisiva para a expansão dessas igrejas.

Nunes (2006) diz que das característica mais populares do neopentecostalismo descobre-se no anti-intelectualismo, tendência que vê no conhecimento doutrinário ou na erudição um obstáculo à comunhão e ao acesso das camadas sociais mais pobres; no emprego de práticas místicas e estilos de música populares, e às expressões musicais da mídia; fator de atração para as classes sociais situadas nas incertezas da vida urbana, na geração de redes de relações sociais que amparam e protegem os novos filiados e as pessoas em situação de pobreza.

Em comparação ao movimento de segunda onda, em que o pentecostalismo enfatiza a cura de doenças, a citada religião separa o membro comungante de elementos considerados prejudiciais à sua salvação, tais como o prazer que a sociedade disponibiliza em abundância, bens materiais, dinheiro, a diversão de festa, orgias, os vícios de bebida alcoólica, tabagismos, jogos e outros. São participantes desse novo movimento, a Igreja Universal Reino de Deus (1977), assim como os demais ramos do neopentecostalismo, a Internacional da Graça de Deus (1980), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1986) e Renascer em Cristo (1986).

Com o advento do neopentecostalismo e sua teologia da prosperidade verificamos que ocorreu a reapropriação e ressignificação da doutrina cristã, visando ajustar-se à época atual, na qual os valores materiais e o individualismo prevalecem. As igrejas neopentecostais transformaram-se em lucrativas empresas, entrando no jogo da oferta e da procura e disputando acirradamente fiéis e poder. (NUNES¹⁴, 2006. p. 128)

¹⁴ Nunes- Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Uberlândia.

Segundo Mendonça¹⁵ (2009) essas igrejas caracterizam-se pela pregação da Teologia da Prosperidade, defende que a bênção financeira é o desejo de Deus para os cristãos e que a fé, pautada num discurso positivo de doações dos fiéis para os ministérios cristãos irão aumentar as suas riquezas materiais e pelo emprego de práticas típicas do Cristianismo pré-reforma, como o uso de simbologia mística na Guerra Espiritual contra as “forças do mal”, sobre o satanás que é o inimigo do cristão, pelo rompimento com o ascetismo pentecostal que visava à separação dos costumes seculares¹⁶ e pela intensificação do uso das mídias. Algumas igrejas neopentecostais mais recentes, como as Comunidades Evangélicas da Graça e Bola de Neve, assim como a Renascer em Cristo, atenuaram a ênfase na cura e no exorcismo, reestruturando seus modelos de proselitismo a fim de alcançar classes sociais e grupos urbanos diversificados.

Dos anos 1990 até a atualidade, tem-se a quarta onda, que proporciona a expansão numérica de fiéis, com o surgimento de novas denominações, caracterizadas em redes, células, grupos familiares e novos discípulos, além dos investimentos em novas mídias como forma de comunicação da ideologia protestante, o rádio e a televisão contribuem não só para aumentar o número de membros, mas como para propagar um modo de ser protestante.

Segundo Salles (2014), a explosão gospel é uma consequência do neoliberalismo com a queda do muro de Berlim, a consolidação da ideologia do capitalismo sobre o comunismo e o fortalecimento de novos hábitos e costumes vinculados à tríade: música, entretenimento e consumo. Com o desenvolvimento de novas tecnologias houve a aproximação entre culturas e o acesso às informações foi ficando mais fácil, dando mais liberdade à pesquisa e aos novos conhecimentos, estimulando o consumo de mais e novos produtos cristãos. O desenvolvimento da

¹⁵ Mendonça- Doutor em Musicologia pelo Instituto de Artes da UNESP (2014), com mestrado em Música pela mesma instituição. Professor titular no curso de Licenciatura em Música da PUCPR, onde leciona História da Música, Música e Mídia e Música Brasileira. Exerceu cargo de professor colaborador no departamento de Artes da Universidade Federal do Maranhão (2005/2006) e na Escola de Música e Belas Artes do Paraná/UNESPAR (2014/16). Pesquisador das interações entre música e religião, também estuda as relações entre a canção popular e a história do Brasil. Autor do livro "Música e Religião na Era do Pop" (Ed. Appris). <https://www.escavador.com/sobre/539304/joezer-de-souza-mendonca>

¹⁶ Seculares- Secularidade (qualidade ou característica de **secular**) é a condição de quem vive no século, isto é, entre as coisas do mundo e da vida. Opõe-se ao estado religioso, próprio dos que fizeram votos... Secularismo, segundo ele, implica restringir a religião ao espaço privado exclusivamente. <https://www.dicio.com.br/secular/>

modernidade estimula os cultos evangélicos a adotarem instrumentos como guitarras eletrônicas, baterias e o vocal alto, e abre-se caminho para: lugar da música na prática como principal veículo de louvor e adoração, projeção eletrônica de letras específicas, desaparecimento dos conjuntos musicais e aparecimento de grupos e ministérios de louvor, adoção de gêneros e estilos musicais populares como rock, baladas, samba, sertanejo e axé, que trazendo para dentro das igrejas novos ritmos musicais, inserção de apresentação de danças ou expressões corporais no culto e o surgimento de “louvorções”. As rádios evangélicas passam a ser um meio de comunicação predominante e artistas gospel passam a ser conhecidos. Todos esses aspectos quebrar vários paradigmas, como elementos das músicas populares, os instrumentos, as melodias e a forma de cantar, onde o corpo e dança se associam, aquilo que antes era algo profano, se expressar através da dança usando corpo, visto como algo contaminado pelo pecado, tirando o corpo do confinamento para alcançar os adolescentes e jovens para serem seus novos fiéis. Salles (2014) fala disto:

E cá, o movimento é inverso: os elementos músicas populares, os instrumentos, as melodias e as formas de cantar é que são introduzidos na música religiosa. Isso demonstra que, para se fazerem aceitas de uma maneira mais abrangente na cultura popular brasileira, as igrejas, de algum modo, foram obrigadas a quebrar alguns de seus paradigmas. (SALLES. 2014. p. 39)

Segundo Mendonça (2009) não se tem a anulação por completo da tradição protestante da busca pela santidade. Se por um lado há uma interação com as expressões culturais populares e um declínio do conhecimento doutrinário bíblico tradicional configurado pelo anti-intelectualíssimo, de outro lado há a manutenção de elementos de sectarismo protestante por meio da separação das “coisas do mundo”, principalmente shows e festas populares e a conservação de dogmas morais elementares, como a rejeição de sexo (extraconjugal e homossexualismo). Entretanto, esse distanciamento do círculo midiático e do entretenimento popular não impede que os músicos do gospel se apresentem nos palcos com o visual e a postura dos artistas considerados seculares ou que recebam tratamento de estrelas da música *pop*, com direito ao comportamento de fã por parte do público.

1.3 Protestantismo no Brasil

Somente no final do século XIX, que o protestantismo europeu e americano encontraram uma oportunidade de entrar no Brasil, já que o catolicismo era a religião oficial do país. Os ingleses estavam preocupados em empregar sua teologia de ampliar seu mercado e os alemães à prática da religião entre seu povo, pois estavam em busca de um novo lugar para viver. Os americanos, ao contrário, acreditavam ser o povo escolhido pregando sobre o Reino de Deus e, com isso, interferiram na cultura do país no qual se instalaram e “as missões dividiram-se em duas correntes de atuação: a educação e a evangelização.” (Salles. 2014. Pág. 32). CUNHA¹⁷ (2007), aborda a chegada do protestantismo no Brasil:

Estes são os dois pontos de partida das correntes protestantes que instalaram, na América do Sul e no Brasil, o protestantismo. Num primeiro momento, chegaram ao Brasil, vindos da Europa, anglicanos ingleses e luteranos alemães. Eles vieram, a partir dos primeiros anos do século XIX, incentivados pela “abertura dos portos às nações amigas” promovida pelo Príncipe Regente de Portugal, D. João VI. Mais tarde, ainda nesse século, chegaram fluxos de missionários, já estão instalados nos Estados Unidos: congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas, e episcopais. (CUNHA. 2007. p. 65)

Segundo Mendonça, o protestantismo que chegou ao Brasil não se identificou com a cultura brasileira, pois as manifestações culturais eram “interpretadas como atrasos e paganismo” (CUNHA, 2007), pois queria continuar com o protestantismo norte-americano com suas matrizes denominacionais e a dependência teológica. Por isso, prefere-se falar em “protestantismo no Brasil” e não em protestantismo brasileiro. Assim, ela continuou com as características da igreja norte-americana, quais sejam, o voluntarismo, a autonomia de cada igreja, a liberdade da membresia em poder aceitar ou não participar, os sermões não eram críticas, o discurso como forma de comunicação e aboliu todo ritual e forma litúrgica, inclusive o vestuário do sacerdote. “A pregação apresentava o protestantismo como única e verdadeira

¹⁷ Cunha- Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004), Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1997) e Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal Fluminense (1985). Integra a Associação Internacional Mídia, Religião e Cultura (International Association Media Religion and Culture), a Associação Mundial de Comunicação Cristã (World Association for Christian Communication, WACC), é colaboradora do Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra/Suíça, e é articulista da revista CartaCapital. www.escavador.com/sobre/7054768/magali-do-nascimento-cunha

religião, e a postura de negação das manifestações culturais autóctones representava as práticas e costumes anglo-saxões como os verdadeiros valores culturais” (CUNHA, 2007). Por isso, ele prefere falar “protestantismo no Brasil”, por não ter traços culturais brasileiros não sendo “protestantismo do Brasil”. A visão era que a sociedade brasileira encontrava-se em um estágio inferior de desenvolvimento, em grande parte, ao estreito vínculo ao catolicismo. A evangelização era destino manifesto da nação norte-americana com vista à expansão do modelo liberal e a libertação do povo brasileiro da ignorância e do subdesenvolvimento.

No Brasil, a partir de um estudo feito pela pesquisadora da cultura gospel Magali Cunha (2004), em sua tese de doutorado **Vinho Novo em Odres Velhos – um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário brasileiro**, as variações do protestantismo que se destacam pelo aspecto ao chegar no Brasil são:

- a) **Protestantismo Histórico de Migração:** que tem raízes na reforma do XVI, chegou ao Brasil com o fluxo migratório estabelecido a partir do século XIX, sem preocupações missionárias conversionistas. É representada pelas igrejas, Luterana, Anglicanas e Reformada;
- b) **Protestantismo Histórico de Missão (PHM):** também originado da Reforma do século XVI, veio para o Brasil trazido por missionários norte-americanos no século XIX. Corresponde às igrejas Congregacionais, Presbiterianas, Metodista, Batista e Episcopal;
- c) **Pentecostalismo Histórico:** assim chamado por suas raízes nas confissões históricas da Reforma, veio ao Brasil no século XX com objetivo missionário. É caracterizado pela doutrina do Espírito Santo, ou seja, pela condição que os adeptos devem assumir de um segundo batismo, o batismo do Espírito Santo, caracterizado pela glossolalia (o falar em línguas estranhas). Composto pela Igreja Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e o Evangelho Quadrangular;
- d) **Protestantismo de Renovação ou Carismático:** surgiu a partir de expurgos e divisões nas chamadas igrejas históricas, em especial na década de 60, caracterizada por posturas influenciadas pela doutrina pentecostal. Mantém vínculos com a tradição da Reforma e com a

estrutura de suas denominações de origem. É formado pelas igrejas Metodista, Wesleyana, Presbiteriana Renovada, e Batista de Renovação entre outras.

e) **Pentecostalismo Independente:** sem raízes históricas na Reforma do século XVI, surgiu (surge ainda hoje) de divisões ideológicas ou políticas nas denominações históricas a partir da segunda metade do século XX. Possui como especificidades a composição em torno de uma liderança carismática, a pregação da Teologia da Prosperidade e a Guerra Espiritual, com a prática constante dos exorcismos e curas milagrosas, bem como o rompimento com o ascetismo pentecostal histórico. Sua enumeração é difícil dada à profusão constante de novas igrejas; Deus é Amor, Brasil para Cristo, Casa da Benção e Universal do Reino de Deus.

f) **Pentecostalismo Independente de Renovação:** apareceu no final do século XX e ganhou força no início do século XXI. Possui as características de Pentecostalismo Independente (alguns autores tratam este grupo de igrejas integrado ao outro), mas difere dele por terem como público-alvo as classes médias e a juventude, estruturando seu modo de ser para alcançá-los. Esse modo de ser atenua a ênfase no exorcismo e nos milagres e resulta na prosperidade e na guerra espiritual. Grupo de Igrejas composto pela Renascer em Cristo, Comunidades (Evangélicas, da Graça), Sara Nossa Terra e Bola de Neve, entre outras. (Cunha, 2004, p. 17).

Isso quer dizer que se consegue encontrar uma diversidade de igrejas, com variações muito distintas, inclusive relacionada à divisão de classe social, com dogmas e doutrinas diferenciadas, tornando possível saber qual denominação é a partir da característica de cada uma.

2.CAPÍTULO 2: Corpo e Dança na religião Protestante

A dança pode surgir surge com o primeiro momento executado, é uma ilusão primária, uma ilusão de força, criada pelo ser em movimento, ampliar a compreensão da dança como presença fenomenal que se manifesta corporalmente, no movimento vivido, significando uma unidade entre o ser que se move e a dança, que ela coloca o corpo como mediador entre o ser e o mundo. (SARAIVA, 2005)

A dança é um fenômeno que toma forma (aparece) na consciência implícita de si mesmo – de quem dança –; na experiência vivida, singular e vital; no fluir vivo e dinâmico que se apresenta num todo único e contínuo. Assim, a natureza do fenômeno criado em dança é estabelecida pelo corpo em movimento, que dá vida a uma forma dinâmica e única, o que faz com que essa natureza e suas estruturas inerentes sejam, em cada experiência, criadas e recriadas novamente. Nisso, dançarino e forma são um todo: ele não se move através de movimentos, não é agente da forma, mas seu centro motor. (SARAIVA,p. 227. 2005)

A dança acompanha o corpo, precisa dele. Ela é a expressão não verbal que por meio dos movimentos produz significados, porém não temos o costume de escutar nosso corpo, muito menos fazer a leitura dos movimentos pela dança. Isso tem relação com o distanciamento do corpo produzido por esse dualismo que Platão apresenta a alma como algo bom e o corpo como mal, de modo que o corpo é empecilho para a alma. Essa separação estabelece não apenas como desejável, mas marca tal libertação da alma da prisão que é o corpo. Contudo, nem sempre foi assim, percebe-se que a dança é um costume cultural com símbolos e linguagens não verbais, e é uma manifestação do ser humano de valores, crenças e também um canal ao sagrado.

A história do corpo humano que determina e constrói cada sociedade, cada cultura e pensamento do seu corpo, fazendo criar os seus próprios padrões. Surge, então, os padrões de beleza, de sensualidade, de saúde e de postura, que dão referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres. Esses modelos produziram a história corporal, funcionando como mecanismos codificadores de sentido e produtores. Percebe-se que as mudanças que foram

acontecendo na noção de corpo foram oriundas das mudanças no discurso de que é um corpo para esses padrões de beleza. Torres¹⁸ (2007) diz que:

O ser humano sempre se apropriou da dança como forma de linguagem, presidindo acontecimentos importantes como: nascimentos, mortes, casamentos, colheitas, caças, iniciações religiosas, chegadas de estações, festas religiosas e rituais tribais. A dança promove através dos movimentos a manifestação do indizível, uma comunicação não verbal que atravessa as barreiras de línguas e dialetos. (TORRES. 2007. p. 19)

2.1 Trajetórias do Corpo

Na Grécia Antiga, o corpo era bastante presente, apesar de assuntos como a Política e a Ética serem considerados mais relevantes pelos pensadores da época. Alguns filósofos como Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347 a.C.) e Aristóteles (384 a 322 a.C.), foram os pensadores desta sociedade. Como Sócrates possuía uma visão integral de homem, julgando como importante tanto o corpo quanto a alma para o processo, acreditava que a saúde era o bem mais precioso, juntamente com a beleza contida no corpo, e, através da Medicina e da Arte, elaborou o conhecimento acerca da saúde humana. Platão, que possuía uma visão mais dicotômica, na qual o corpo servia de prisão para a alma, ainda assim foi um filósofo de grande prestígio, principalmente por ter fundado a Academia de Atenas. Essa academia tinha a função de formar jovens influentes na vida política da sociedade grega. A sociedade deveria ser organizada segundo a distinção entre mundo sensível e mundo inteligível. Nessa perspectiva, ele definiu três tipos de alma, duas fragilizadas por fazerem parte da sensibilidade do corpo e serem finitas e uma de natureza superior por ser ligada ao mundo inteligível, colocado como infinito.

As ideias de Aristóteles aproximavam-se mais das ideias de Sócrates do que das de Platão, pois partia do princípio de que as ações humanas eram executadas em conjunto, corpo e alma, todas num processo contínuo de realização, concordando

¹⁸ Torres- Mestra em Ciências da Religião, com a dissertação "Dança no Culto Cristão" pela Universidade Católica de Goiás - UCG (2007). Possui pós-graduação em "Atividades Físicas de Academia" pela Universidade Católica de Goiás - UCG(2000). Possui graduação em Educação Física -Licenciatura pela Universidade Federal de Goiás - UFG (1993). Possui ainda, curso técnico de Ballet Clássico pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é analista em cultura e desportos - Secretaria Municipal de Cultura, professora do Centro de Artes Pinheiro Ltda, atriz do Sindicato dos artistas e técnicos em espetáculos do estado de Goiás e diretora, coreógrafa, atriz e bailarina da cia. Rhema de teatro e dança. Tem experiência na área de Dança e Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: dança, cultura, religião, educação física, antropologia, sociologia, teologia e arte. <https://www.escavador.com/sobre/2878185/luciana-rodrigues-pinhoiro-torres>

com a ideia de que o conhecimento sensível era fragilizado, porém, recusava a atribuir ao intelecto uma existência superior. Ele acreditava que o pensar, o agir e a movimentação dos músculos seriam ações recíprocas, todas num processo contínuo de realização. (CASIMIRO; GALDINO. 2012).

As abordagens apresentadas por esses filósofos representam a base para o entendimento sobre as diferentes concepções de corpo criadas ao longo da formação da sociedade ocidental, visto que, as mesmas tendem a explicar melhor e entender como o corpo tomou dimensões importantes na construção social, cultural e histórica. (CASIMIRO, GALDINO. 2012. p. 65).

O condicionamento físico era importante para algumas das principais atividades gregas, tais como as guerras, as lutas, a ginástica e os jogos olímpicos. Os gregos sempre cultivaram as ações relacionadas à Estética e às práticas que fortalecem o intelecto, como a Metafísica, a Política e a Ética. A ginástica era utilizada com o objetivo de proporcionar força e beleza para o cidadão grego. Um grande exemplo disso são as esculturas que mostram a graciosidade do corpo forte.

Os corpos eram trabalhados e construídos, como objetos de admiração que começavam a ser esculpidos e modelados nos ginásios, fundamentais nas *polis* gregas, e que acabavam por ser mostrados, muitas vezes, nos Jogos Olímpicos. A saúde, a expressão e a exibição de um corpo nu estavam associadas, os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O grego desconhecia o pudor físico, o corpo era uma prova da criatividade dos deuses, era para ser exibido, adestrado, treinado, perfumado e referenciado, pronto a arrancar olhares de admiração e inveja dos demais mortais. (BARBOSA; MATOS; COSTA. 2011. p. 24)

A própria educação, na Grécia Antiga, era organizada seguindo esse ponto de vista apresentado por Platão, e que a primeira disciplina a ser ministrada na fase infantil era a Ginástica, logo a seguir era ensinado conhecimentos relacionados à Música e, posteriormente, à Dança. Esse tipo de educação era comum a todas as pessoas até os 30 anos de idade. A partir desse momento, somente aqueles com personalidade racional desenvolvida é que estudariam os conhecimentos filosóficos e dialéticos, e após os 50 anos se tornaram juízes e governantes. Destacando que esses preceitos eram direcionados somente aos gregos homens.

Por mais que houvesse divergência entre os pensamentos sobre o corpo e a alma, os filósofos sempre tiveram uma valorização maior entre esses assuntos e a

perspectiva de que o mundo era mais importante no período em que os gregos tratavam o corpo, portanto, estabelecendo uma relação de corpo em harmonia com a alma.

Segundo Le Goff e Strong (2006), o pecado original, fonte da desgraça humana, figura no Gênesis como um pecado de orgulho e um desafio do homem lançado contra Deus, em que o corpo é o grande perdedor do pecado de Adão e Eva, assim revisitado. O primeiro homem e a primeira mulher são condenados ao trabalho e à dor, correspondente ao trabalho manual ou trabalho de parto acompanhado de sofrimento físico, e devem ocultar a nudez de seus corpos.

Não é a Idade Média que separa a alma do corpo de maneira radical, mas sim a razão clássica do século XVII, que pregava as concepções de Platão, segundo as quais a alma preexiste ao corpo, e através também de Orígenes (185 a 252 a.C.), que aborda o “desprezo pelo corpo” dos ascetas cristãos, que também penetrou pelas teses de Aristóteles, segundo o qual “a alma é a forma do corpo”, que neste tempo o concebe, que “cada homem se compõe, assim, de um corpo, material, criado e mortal, e de uma alma, imaterial, criada e imortal”. Assim, corpo e alma são indissociáveis. Ele é exterior (joris), ela é interior. Vetor dos vícios e do pecado original, o corpo acaba sendo também o vetor da salvação: “O Verbo fez-se carne”, diz a Bíblia. Como um homem, Jesus sofreu, mas o que se convencionou chamar de Idade Média foi, de início, a época da grande renúncia ao corpo.

O homem medieval era extremamente contido, a presença da instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa. O cristianismo dominou durante a Idade Média, influenciando, portanto, as noções e vivências de corpo da época. A união da Igreja e Monarquia trouxe maior rigidez dos valores morais e uma nova percepção de corpo. A preocupação com o corpo era proibida, começando-se a delinear claramente a concepção de separação de corpo e alma, prevalecendo a força da segunda sobre o primeiro (Rosário, 2006). O corpo, ao estar relacionado com o terreno, o material, seria a prisão da alma. Torna-se culpado, perverso, necessitado de ser dominado e purificado através da punição. Para o cristianismo, o corpo sempre teve uma característica de fé; é o corpo crucificado, glorificado e que é comungado por todos os cristãos. (BARBOSA; MATOS; COSTA. 2011. p. 26)

Reiteramos que nesse tempo o corpo é o lugar de um paradoxo. Por um lado, o cristianismo não cessa de reprimi-lo, como diz o papa Gregório, o Grande, “O corpo é a abominável roupa da alma”. Por outro, ele é glorificado, sobretudo por meio do

corpo padecente de Cristo, sacralizado na Igreja, como o corpo místico de Cristo. “O corpo é o tabernáculo do Espírito Santo”, diz Paulo. A humanidade cristã repousa tanto sobre o pecado original, transformado na Idade Média em pecado sexual, quanto sobre a encarnação: Cristo se faz homem para redimir os homens de seus pecados. Nas práticas populares, o corpo é contido pela ideologia anti-corporal do cristianismo institucionalizado, mas resiste à sua repressão. (CASSIMIRO; BALDINO. 2012)

Segundo Rodrigues (2013), o período medieval foi marcado pelas representações dos opostos e o corpo não ficou fora dessa realidade, visto que tudo era dividido entre bem e mal, céu e inferno, sagrado e profano. As atividades relacionadas ao corpo ficavam como secundárias, não valorizadas pela sociedade, o prestígio eram as atividades ligadas ao raciocínio, como podemos comparar com a visão de Platão citada anteriormente, como se isso não envolvesse o corpo de forma direta. Percebe-se o quanto o corpo era resignado ao pecado, de forma que quanto mais esse fosse mortificado mais admirável seria o cidadão, pois esse era o ideal pregado pela Igreja. As representações de corpo durante a Idade Média estavam regidas, como em outras épocas também, pelos ideais do Cristianismo.

Ao mesmo tempo, o corpo é glorificado no cristianismo medieval, pois a encarnação de Jesus foi o resgate da humanidade pelo gesto salvador de Deus, do filho de Deus, tomando um corpo de homem. E Jesus, Deus encarnado, venceu a morte: a ressurreição de Cristo funda o dogma cristão da ressurreição dos corpos, crença desconhecida no mundo das religiões. Com isso, homens e mulheres encontraram um corpo, para sofrer no Inferno, e, graças a esse corpo glorioso, usufruir do Paraíso. O corpo cristão medieval é de parte a parte atravessado por essa tensão, esse vai-e-vém, essa oscilação entre a repressão e a exaltação, a humilhação e a veneração. Os sacramentos santificam os corpos, do batismo à extrema-unção. A eucaristia, centro do culto cristão, é o corpo e o sangue de Cristo. A comunhão é uma refeição.

Caldeira (2008) aponta que no cristianismo houve a condenação do mundo romano, que apodrecia, englobando as artes que refletiam esta decomposição que os padres da Igreja condenaram, dentre eles Santo Agostinho, ao passo que “esta

loucura lasciva chamada dança, negócio do diabo”. O próprio comportamento dos pantomimos e dançarinos geram reações negativas, devido às suas indumentárias e ritos tidos como “afeminados”. Começaram, dessa forma, a serem associados a distúrbios públicos. Nessa atmosfera de suspeita em relação ao corpo, a dança perdeu a sua força, principalmente a partir do século IV, com os imperadores ditos “cristãos” que oficializaram a religião cristã.

A partir do século XVII, a dança foi banida da liturgia. Durante a Baixa Idade Média, do século XIII ao XV, só se desenvolveu as danças corais rústicas entre o povo, sobrevivência ou produto das antigas danças pagãs e as danças da corte. Na época da peste-negra (1349), em que morreu cerca de 1/3 da população europeia, multiplicaram-se os fenômenos de transe e possessão, com danças convulsivas. Portanto, a dança predominou nas “danças macabras”, que eram danças da morte e contra a morte, numa época de temor da fome, da guerra e da peste.

Em oposição ao desenvolvimento do século XIII, o século XIV foi conhecido como “o século negro”, época da Guerra dos Cem Anos, das piores colheitas da era medieval e da crise da Igreja, e a dança seguiu seu caminho agora marginal, variando seus ritmos e simbolizando a morte em seu sentido mais brutal(CALDEIRA, 2008)

O protestantismo já nasceu marcado pelo perigo da contaminação católica, por isso baniou todo tipo de prática e de representação que cheirasse a superstição dos ritos do catolicismo. Também, criticando o culto aos santos, fechou as possibilidades de representação dos corpos no espaço de culto. Seu surgimento ocorreu no interior da cultura européia tradicional, cujos sistemas de valor religioso, moral e social, destinam ao corpo um lugar subordinado. O corpo devia estar submetido à mente, pois esta era considerada superior à matéria.

Nesse sentido, o protestantismo não foi uma força isolada na tentativa de produzir corpos bem comportados. Médicos, educadores, juristas e lideranças religiosas, cada um no seu próprio espaço de influência social, constituíam parte de uma elite firmemente interessada na produção de pessoas “civilizadas”, isto é, pessoas que soubessem viver segundo o estilo europeu (RIVERA¹⁹, 2010. p. .20).

¹⁹ Rivera- Possui graduação em Ciencias de la Religión - Universidad Nacional de Heredia (1987), Licenciado em Estudos Latino-americanos na Faculdade de Filosofia y Letras da - Universidad Nacional de Heredia (1990) e Doutorado em Ciências Sociais e Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1999). Atualmente é professor titular e Pesquisador da Universidade Metodista de São Paulo no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na área de concentração em Ciências Sociais e Religião, professor da graduação em Ciências Sociais da mesma universidade e integrante do Núcleo de

Uma das heranças protestantes é o dualismo neoplatônico²⁰ de corpo/alma, tendo no corpo o cárcere da alma ou como servo desta. Assim, poderia dizer, em certa medida, que haveria uma questão de ter intrinsecamente a alma como boa e o corpo como mal. Esta dualidade ainda cerca o pensamento cristão, como se pode inferir do caso do protestantismo tradicional ou histórico de missão norte-americana, que adentrou o solo brasileiro no século XIX de forma mais contundente.

Existe uma ambiguidade no discurso do cristão sobre o corpo e imagens, relativo ao que ele representa, por esse duplo movimento de enobrecimento e menosprezo do corpo, tem-se uma dualidade que foi trazida pelos pensamentos filosóficos das épocas anteriores, dificultando o entendimento sobre corpo e alma, no qual se percebe que o corpo traz diversas interpretações e, conseqüentemente, para futuras análises.

Segundo Barbosa, Matos e Costa (2011), no Renascimento as ações humanas começaram a ser guiadas pelo método científico, e assim, a preocupação com a liberdade do ser humano e a concepção de corpo é consequência disso. O avanço científico e técnico produziram um apreço sobre o uso da razão científica como única forma de conhecimento. O corpo, agora sob um olhar científico, serviu de objeto para estudos e experiências, sendo investigado, descrito e analisado anatomicamente e biomecanicamente.

A partir desta época prevaleceu a competitividade e o individualismo. O mundo passou a ser explicado segundo as leis da Física, da Matemática e da Biologia, que criaram nas pessoas um novo modo de pensar e de se organizar socialmente. Neste período, a manutenção da sociedade ficou a cargo da classe burguesa, que manipulava o corpo com o intuito de gerar lucro, desenvolver as indústrias e consolidar o Capitalismo. “Nesta lógica de produção capitalista o corpo mostrou-se tanto oprimido, como manipulável. Era percebido como uma “máquina” de acúmulo de capital. Deste modo, os movimentos corporais passaram a ser regidos por uma

Educação em Direitos Humanos. Tem experiência na docência e pesquisa na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia dos Protestantismos, atuando principalmente nos seguintes temas: modernidade, cultura, América Latina, periferia urbana, pentecostaismos, protestantismos e Igreja Católica. <https://www.escavador.com/sobre/568305/dario-paulo-barrera-rivera>

²⁰ Neoplatônico- O neoplatonismo foi uma corrente de pensamento filosófico com várias doutrinas e pensamentos diferentes, mas com a centralidade de inspiração na filosofia platônica. Muito mais que uma corrente filosófica, o neoplatonismo também foi tido como uma seita místico-religiosa por perfazer, em vários grupos neoplatonistas, uma espécie de adoração divina com crenças particulares. <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/neoplatonismo.htm>

nova forma de poder: o poder disciplinar.”(BARBOSA; MATOS E COSTA. Pág. 28. 2012).

Mas, desde a década de 60, a conquista do direito de conhecer, explorar, usar e exibir o próprio corpo não poderia ocorrer sem incluir, com ela, o dever de aprender a controlá-lo. Um controle não mais em função, prioritariamente, das regras masculinas, mas, sim, das novas necessidades que cada mulher passou a "desenhar" para ela mesma. Maior liberdade de "se apoderar" do próprio corpo acompanhada, assim, de um aumento das responsabilidades individuais em relação à sua saúde, beleza e bem-estar. (SANT'ANNA²¹. 1995. p. 129)

Segundo Sant'anna (1995), a ideia de transformar o corpo numa mercadoria não nasceu com a época moderna, ela é tão antiga quanto a civilização humana. No entanto, é com a emergência do desenvolvimento urbano e industrial da época moderna, juntamente com o incremento da ciência e da tecnologia desvinculada do terreno mágico e religioso, que a concepção de um corpo similar a uma mercadoria, a um objeto e a uma máquina alcançou maior importância e se tornou central para determinadas classes sociais em ascensão.

Em tempos mais modernos surgem os cosméticos de beleza juntamente com a fabricação de vários adereços femininos. Para homens, tendo uma beleza artificial, demonstrando, distinção social e poder, assim sua postura muda sendo mais ereta com o uso de espartilhos para ter uma cintura mais fina, demonstrando uma beleza desejável, como se controlasse o desvio da carne humana.

Ao comprimir o corpo por debaixo de roupas, a moda se transforma num conjunto de regras laicas, relacionadas às nações civilizada se luxuosas, surgindo inúmeras novidades resultantes do desenvolvimento comercial, lugar de obediência que se utiliza das roupas com o fim de corrigir e modificar as curvas e as linhas corporais, de modo que as roupas e os espartilhos, se tornaram moldes. O espartilho é a forma da medida para moldar, para mostrar o poder sobre o corpo,

²¹ Sant'Anna- professora livre-docente de História da PUC-SP. Possui graduação e mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Diploma de Estudos Avançados em História pela Universidade Paris VII (1990), Doutorado em Histoire des Civilisations Occidentales pela Université de Paris VII (1994). Realizou Pós-Doutorado em História na EHESS em 2003/4. Foi professora visitante da EHESS em Paris nos períodos de 2000, 2001 e 2007. Foi professora visitante do Erasmus Mundus Phoenix EM Dynamics of Health and Welfare entre 2008 e 2009. Desde 1996 é professora da PUC-SP, ministrando cursos na Graduação e nos Programas de Pós-Graduação de História e Psicologia Clínica. Foi membro do Graduate Programme in Social Dynamics of Health para a formação de um Shared/Master/PHD dentro do Programa Alfa (A) mantido pela Comunidade Européia, entre 2005 e 2009. <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/178441/denise-bernuzzi-de-santanna/>

para demonstrar o domínio que a sociedade possui. Com a revolução industrial houve a valorização da imagem de um corpo que saiba respirar e se transformar em energia, em saúde e agilidade para o trabalho, demonstrando a ambição de dominar o corpo estimulado pela mega indústria. (SANT'ANNA, 1995).

No século XX, o corpo ganhou evidência por meio das novas tecnologias e, principalmente, através do marketing de produtos e de estilos de vida, e o desejo de obter a perfeição física exigida pelos padrões da época. Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, num jogo de sedução e imagens. Veicula-se a representação da beleza estética associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude.

A necessidade humana, nos nossos dias, de se encaixar nesse padrão estético, parece desencadear uma imagem em crise, demonstrando-se através de uma série de sintomas como o aumento das próteses, a criação do *cyborg* (o ciber-corpo), a clonagem, as intervenções da engenharia genética, a biologia molecular ou as novas técnicas cirúrgicas ou ainda o uso de substâncias químicas. Assim, as indústrias da beleza e da saúde têm no corpo o seu maior consumidor. Vejam-se o crescente número de ginásios, salões de beleza, spas, clínicas médicas, estilistas, etc. É claro que esta crise do corpo será consequência da crise dos fundamentos da nossa cultura, associando-se também à crise do próprio sujeito (BARBOSA; MATOS E COSTA. 2011. p. 29.).

Enquanto o capitalismo contribui para a produção do corpo, entra no mercado como força de trabalho, a ser domada e preservada, o problema é consumir o que se produz às necessidades, na tentativa de se adaptar como indivíduos ao grupo social, inúmeras vezes da sua liberdade de ação e expressividade. Todas as novidades relacionadas ao corpo resultam do fascínio da sociedade em busca das novidades e tendências que dizem respeito à prática de atividade física, às dietas exóticas, às cirurgias plásticas e ao uso de produtos e cosméticos que prometem um corpo com aparências ideais.(CASSIMIRO E GALDINO. 2012).

A sociedade e grupos sociais, como a igreja, possui, produz e reproduz uma forma aceita de corpo e de seus usos, produz uma representação social do corpo. Essa representação social do corpo, construída e herdada, passa logo a se constituir em modelo legítimo do corpo. A religião serve de mecanismo de controle social do

corpo, e esse controle é exercido de maneira diferenciada segundo particularidades sociais, históricas e até doutrinárias, da religião ou igreja em questão.

Assim, o controle social dos corpos é diferente entre protestantismo e catolicismo, entre protestantismo e pentecostalismo, ou mesmo entre dois pentecostalismos, por exemplo, entre a “Igreja Pentecostal Deus é Amor” e a “Igreja Renascer em Cristo”. Esse controle coletivo dos corpos permanece, regra geral, inconsciente ao grupo e aos indivíduos, podendo tornar-se explícito apenas quando as normas são quebradas. Os mecanismos de controle social são mais eficazes quanto mais inconscientes, permanecendo os sujeitos que vivem sob essa influência.

Segundo Salles (2014), reconhecer um cristão protestante necessariamente passava por identificá-lo como uma pessoa de hábitos discretos e recatados, explícito já nas suas vestimentas, nas mulheres vestindo saias longas, roupas sem decotes e com mangas cobrindo seu corpo. Em algumas igrejas, não era permitido que as mulheres vestissem calças compridas. Nestas igrejas conservadoras, até a década de 1980 não era permitido assistir televisão ou ouvir rádios que não fossem evangélicas — o que contribuía para que os comportamentos praticados dentro também fossem praticados fora do ambiente da igreja, pois seus fiéis tinham menos chance de serem contaminados pelo mundo exterior. A partir da década de 1990, com o início do movimento gospel, houve uma transformação considerável na imagem deste fiel que, inclusive, mudou o modo de se identificar, passando de crente para evangélico.

O corpo se torna uma mercadoria onde pode se manipular e modificar da forma que deseja, com várias ofertas de produtos de beleza, para ter um corpo desejável na medida em que a grande indústria impõe às pessoas não apenas um padrão, e sim, vários, que são disponibilizados em determinada época.

2.2 A Dança no Protestantismo

Como a dança sempre esteve presente na vida do ser humano, em algumas congregações da religião protestante, a dança começou a compor os rituais litúrgicos. Esses movimentos deram espaço para a dança no culto, e aquilo que nas igrejas era

algo negativo, algo não sagrado justamente por ser produzido pelo corpo, passa a fazer sentido. Com o tempo essas mudanças trouxeram a força da dança como expressão, dando liberdade ao corpo no culto. (BARBOSA; MATOS; COSTA.) CARVALHO²² (2006) também traz que:

Dança-se pelo fato de estar dançando para Deus, a todo o momento o corpo é requisitado com movimentos retilíneos, giros, saltos e muita consagração e respeito ao que estão fazendo. Como se existisse no plano físico um trono e essas pessoas se movimentando num processo real e duradouro, totalmente absorvidos pelo êxtase, se entregando totalmente aos movimentos e claramente sentindo a percepção de Deus naquele momento. Essa percepção é tão forte que eles emitem gritos, sons e palavras estranhas que não parecem ser identificáveis, dizendo que era a presença do Espírito de Deus em seus corpos, elevando seu espírito, possibilitando esse contato transcendental e sobrenatural na vida de cada uma dessas pessoas. (CARVALHO. 2006. p. 142)

Os movimentos corporais sempre estiveram presentes na história da humanidade como forma de expressão dos povos. Os movimentos da dança litúrgica levam as pessoas a pensarem, a sentirem e a agirem para Deus, tornando todo o espaço um espaço santo capaz de envolvê-los em um clima de concentração de fé e desprendimento corporal. Por esse motivo, acredita-se que há a necessidade de trazer para compreensão os movimentos utilizados pela dança sagrada que se tornaram conhecidos e vivenciados pela dança litúrgica. Os movimentos corporais sempre estiveram presentes na história da humanidade como forma de expressão dos povos. (CARVALHO. 2006)

A posição da igreja cristã nos primeiros três séculos é divergente no que diz respeito à dança. João Crisóstomos e Basílio, por volta de 313 d.C., fizeram menções da dança no seu caráter sagrado, com liberdade de culto. Porém, com a queda do império romano, a dança sofreu uma forte pressão da igreja. Ambrósio, bispo de Milão em 340 d.C. a proíbe em todas as suas dioceses e Agostinho levanta um forte testemunho contra a dança. Em 380 d.C. Teodósio proclama o catolicismo como a religião oficial, fazendo com que as festas pagãs com as suas músicas e danças deixem de ser celebradas. A dança sofre a partir do século IV a condenação por parte

²² Carvalho- Graduado em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Ministro Petrônio Portella - CMPP (Unidade Sede) e mestrando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS na mesma instituição de ensino superior. <https://www.escavador.com/sobre/378421732/joao-victor-mendes-carvalho>

dos imperadores romanos cristãos, chegando a ser banida da liturgia no século XII. Dentro do cristianismo, as danças pagãs foram combatidas por estarem ligadas a ritos e cerimônias de tradição pagã. A autora afirma ainda que a dança foi, então, acolhida como patrimônio cultural, moldada dentro dos padrões conceituais da Igreja. (TORRES, 2007).

Mesmo quando foi proibida pela Igreja Católica, no protestantismo não foi muito diferente. Com o passar do tempo, a visão de corpo e a relação sagrada e profano foram se modificando, de forma que a dança tem voltado paulatinamente a tomar o seu espaço. Ressalta-se que ainda existem diversas denominações do protestantismo que não aceitam a dança como prática pessoal, nem como parte do culto. Existem pelo menos duas formas nas quais a dança se apresenta dentro das igrejas evangélicas hoje em dia. A primeira delas é em forma de apresentação, e a outra acontece de forma mais espontânea durante momentos ritualísticos de adoração.

A dança como parte da adoração não está limitada a determinado tipo de dança, qualquer estilo pode ser usado dentro desse ambiente, desde que sejam respeitados os princípios da religião. Os bailarinos muitas vezes seguem o ritmo e o estilo musical que está sendo tocado pelo grupo de música, mas isso não quer dizer que não possam expressar algo que seja diferente do sonoro.

Segundo Torres (2007), à medida que o movimento se sistematiza numa dança, ele começa a ser aprimorado através de uma técnica específica de dança como balé, dança moderna e outras. A evolução do comportamento motor do ser humano chegou até às técnicas conhecidas na contemporaneidade, que possuem um aspecto mais voltado para a apresentação, continuando, porém, a ser a expressão da sociedade, os seus valores e as suas crenças.

Tomada em seu caráter religioso, a dança assume a posição de manifestação de fé dos/as fiéis, consolidando-se como parte integrante do culto litúrgico. Ela se efetiva como a forma por excelência de materializar no corpo a intenção de louvar e adorar a Deus. Chegando ao Brasil na década de 1990 por influência do movimento de pentecostalização, a dança litúrgica espalhou-se pelas igrejas evangélicas brasileiras, notabilizando Ministérios e

academias de dança por todo o país, vindo a ser um dos ofícios religiosos que mais adquire adeptos (CARVALHO²³; CARNEIRO. 2020. p.44080).

A cultura judaica até os dias de hoje serve como espelho para as comunidades evangélicas em muitas questões, até pelo fato de que a Bíblia, que é o livro padrão para os evangélicos, foi escrita nessa realidade cultural. O povo judeu era um povo bastante dançante e festivo; no calendário judaico existiam diversas celebrações determinadas por Deus em que a dança era muito presente. Assim vemos a dança como parte das comemorações, mas não como parte dos rituais religiosos, a dança hebraica se caracteriza por ser para litúrgica, não estando no ritual das celebrações, que, mesmo sendo praticada num contexto religioso, fica abandonada a espontaneidade das multidões. Uma das principais marcas históricas da dança do povo judeu foi a dança do Rei Davi. Narrada na Bíblia, este rei dançou com tanta alegria após o retorno da Arca da Aliança para Jerusalém que as suas roupas de baixo chegaram a aparecer.

A dança, muitas vezes, é citada como uma manifestação de alegria por algum fato acontecido, mais por parte das mulheres. São poucos os relatos nos quais os homens dançam de alegria em alguma celebração, o que difere da manifestação intensa de Davi em função do retorno da Arca da Aliança a Jerusalém. Outro exemplo da dança como manifestação de alegria no meio do povo de Israel foi a comemoração depois da saída do povo do cativeiro do Egito. “Então Miriã, a profetisa, irmã de Arão, tomou na mão um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins, e com danças.” (ÊXODO, 15:20). Mais uma vez a presença de mulheres dançando como expressão de alegria num dos momentos mais importantes da história do povo de Israel, depois de passarem 400 anos sob o jugo de uma nação estrangeira. (RODRIGUES. 2014. p. 33-34)

Segundo Moreira (2016), no pentecostalismo, notadamente no que se refere a primeira e segunda onda, os gestos corporais são constantes, seja durante o louvor, pregação ou manifestação estática. Por isso as palmas que, em geral acompanham os cânticos, o balanço do corpo na necessidade de expressar o poder da música na totalidade da emoção religiosa. Nas manifestações carismáticas pentecostais e do protestantismo renovado é de certa forma aceitável e constante no culto, esta se não

²³ Carneiro- Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí-UFPE endereço: Campus Universitário Petrônio Portela, 550. Email: abimael.94.alves@gmail.com. <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/12790/10735>

se dá através de uma expressão artística. As danças e demais expressões corporais artísticas nem sempre são atribuídas à emoção mística religiosa.

Segundo Rodrigues (2014), durante o Renascimento a dança foi se refinando como uma técnica formal de como se dançar. Nesse período apareceu a figura dos mestres de dança que, em sua maioria eram judeus, inclusive, o primeiro conhecido mestre de dança foi Hacén Bem Salomon, que era responsável pelo ensino de dança aos cristãos, dança que era realizada em volta dos altares.

Em relação à dança na história da Igreja, o que marcou também foi o movimento da Modern Dance. Nos Estados Unidos, surgiu em meio a uma realidade social religiosa protestante, onde os artistas representantes dessa vertente da dança não assumiram uma dança protestante, mas tinha característica cristã de clamor a um Deus, mas não tinha uma ligação com a religião protestante.

Na dança de Isadora Duncan, uma das pioneiras da dança moderna, percebia-se muito essa questão do espiritual, e seu processo criativo na dança tinha o espiritual oculto presente nas suas produções em dança. Essa bailarina chegava a afirmar que a sua dança era uma oração.” (RODRIGUES. 2014. Pág.37). A companhia “Alvin Ailey” até os dias de hoje utiliza da estética da dança moderna em seus espetáculos e trabalha com diversos temas gospel em suas coreografias.

No entanto não percebemos que havia a intenção de fazer uma companhia religiosa, pode-se dizer que a religião estava presente por uma questão cultural, mas não usavam da dança para fazer religião. Como pode ser visto nessa afirmação sobre a companhia: “A missão da companhia é promover a singularidade da expressão cultural negra e preservar e enriquecer a herança da dança moderna da América”. Havia uma preocupação muito maior com a afirmação da cultura negra americana do que com a religião envolvida (RODRIGUES, 2014. p. 39)

Santos (2020) fala que o contexto evangélico é muito heterogêneo e que, portanto, o fato de se espalhar para outras igrejas não quer dizer que virou uma característica de todo segmento evangélico. Por exemplo, algumas denominações até hoje não batem palmas nos momentos de celebração, permanecendo estáticos corporalmente.

A “tribo”²⁴ evangélica é formada por adeptos da expressão artística, o autor

²⁴ “tribos”- As “tribos” evangélicas, do mesmo modo, se referem aos agrupamentos de pessoas organizadas a partir da identidade evangélica e da adoção de um modo de vida “gospel”. Tais “tribos” podem ser divididas entre o tipo formado pelo compartilhamento de uma prática

aponta que a aversão do protestantismo à dança, que é partilhada pelas igrejas do protestantismo histórico de missão, nasce da moralidade sexual que foi construída pelo grupo, sendo considerada como pecado.

Porém, hoje, com o surgimento de novas igrejas como a Renascer em Cristo, que abriu as portas para este tipo de expressão dentro da igreja, esta interpretação tem sido modificada. Surgiram diversos grupos de coreografia, utilizados tanto nos cultos quanto como meio de evangelismo nas ruas. Ou seja, hoje o jovem crente pode dançar, desde que seja uma música religiosa e que tenha como objetivo a exaltação de Deus (GOULART, 2008. p. 9).

O Diante do Trono é um grupo musical vinculado à Igreja Batista da Lagoinha, localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais e liderado pela pastora Ana Paula Valadão, que viajou aos Estados Unidos para participar de um congresso de avivamento no seminário teológico onde estudou, bem como de uma gravação de um CD pelo Instituto *Christ For The Nations*, Dallas, Texas. Em 1998, o grupo lançou seu primeiro álbum, “Diante do trono”, e a partir desse ano até os dias atuais o grupo aparece como um exemplo para as igrejas cristãs brasileiras, já que suas músicas são conhecidas e cantadas em muitos templos. Também houve a participação do grupo de Dança Mudança e de Isabel Coimbra²⁵, e serviu de inspiração principalmente para jovens que tinham vontade de dançar na igreja, mas não sabiam como fazer. (SANTOS. 2020)

O grupo Diante do Trono, que tem como ícone Ana Paula Valadão, tem um forte nome nesta área, vendendo vídeos, livros e cursos que dão subsídio ao desenvolvimento da expressão corporal no meio evangélico. O caminho que foi aberto pela Igreja Renascer em Cristo e a receptividade do que foi proposto por ela conquistaram outras igrejas. Assim, espalharam-se pelo país diversos grupos de coreografia. Contudo, esta iniciativa não ficou restrita ao

social já existente fora do campo religioso e os constituídos em torno de igrejas alternativas. O primeiro grupo é formado por jovens que compartilham práticas como o esporte (surfistas, etc.), expressão artística (músicos, atores, dançarinos), a vida alternativa (rastafáris, punks). Desse modo, passam a surgir grupos como os “roqueiros de Cristo”, “surfistas de Cristo”, “atletas de Cristo”, amplamente divulgados pela mídia, como é o caso das igrejas Bola de Neve (surfistas de Cristo), Zadoque (punks de Cristo), Caverna do Adulão (Undergrounds de Cristo) e até mesmo de personalidades, como é o caso do jogador de futebol, o “atleta de Cristo” Kaká. Existe hoje o “Congresso Cristão Underground”, que reúne diversas dessas “tribos” evangélicas alternativas, como capoeira, punk, rastafári, neohippie, hip-hop, hard core, entre outros. <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/33558>

²⁵ Isabel Coimbra- Como docente de ensino superior também na UFMG, além de atividades de orientação e extensão acadêmica ministra aulas na área da Dança do Curso de Graduação em Educação Física, coordena o Programa de Dança Experimental, o Projeto Dançando na Escola, a Cia Experimental Dança 1 e o Projeto de Atividades para 3ª Idade, é líder do Cia Mudança e também bailarina e coreógrafa do Ministério de Louvor Diante do Trono em Belo Horizonte – MG. Autora dos livros “Louvai a Deus com Danças” e “Dança: Movimento em Adoração” é também Organizadora das Coletâneas de Artigos voltados para a área da dança nos Seminários de Dança Contemporânea da UFMG e nos Seminários Nacionais “A Dança no Louvor e na Adoração”. Além de desenvolver o Ministério da Palavra, tem desde o ano 2000 organizado e ministrado Cursos, Palestras, Oficinas e Seminários de Dança no Brasil e no Exterior. <https://comunhao.com.br/conheca-mais-uma-das-palestrantes-do-encontro-de-comunhao-isabel-coimbra/>

espaço das igrejas; barzinhos e casas noturnas evangélicas foram surgindo, porém, não se vendiam bebidas alcoólicas nem cigarros (GOULART. 2008. p. 9).

Com a facilidade da comunicação a partir do século XX, criou-se uma nova imagem de dança cristã. As ações das mídias deixaram igrejas e sociedade mais expostas pela contaminação uma da outra, gerando um outro processo evolutivo que a dança faz parte, e a dança teve seu lugar no protestantismo como algo sagrado.

Figura 2 - Primeiro cd Diante do Trono.



Fonte: **News gospel**²⁶

²⁶ Disponível em: <https://www.newsgospel.com.br/2018/03/disco-historia-diante-do-trono.html>. Acesso em: 18/01/2021

3.CAPÍTULO 3: A Dança como parte da Liturgia

A dança litúrgica quando aliada à palavra, aprimora o culto de forma visual, transmite a mensagem através do movimento. Assim ela ganhou o seu espaço na liturgia do culto, tendo destaque e sendo vista de forma positiva, não como apenas uma coreografia, mas como uma dança litúrgica, trazendo mensagens bíblicas e conteúdo do meio cristão. TORRES (2007) fala que:

Os cristãos evangélicos, que durante muitos anos se abstiveram da dança, e que agora a tem incluído como possibilidade de expressão, integração, comunicação e como forma de culto, realizando uma dança livre das bases das técnicas tradicionais, na busca de novas possibilidades de movimento que permitem ao corpo uma liberdade de criação e de expressão. (TORRES. 2007. pág. 75).

Figura 3 - Coreografia Corpo de cristo, Igreja e Ministério Estúdio do corpo em Novo Hamburgo, RS.



Fonte:blogspot²⁷

Com a modernidade, identifica-se a maior presença da dança como parte litúrgica e fazendo uso de várias técnicas, com passos elaborados para trazer a

²⁷ Disponível em: <http://carloscostajr.blogspot.com/2010/05/iii-seminario-de-danca.html>. Acesso em: 18/01/2021

palavra de Deus. A dança tem o seu lugar como pregação não verbal, com expressões e movimentos do corpo bem marcantes e com uma liberdade maior de dançar em algumas igrejas modernas. Entretanto, em algumas congregações, existe a luta para que a dança ocupe ou conquiste um lugar próprio.

Carvalho (2019) fala que o corpo ao dançar faz gestos e movimentos no tempo e espaço. É uma dinâmica que traz para quem está vendo, uma movimentação criativa da palavra de Deus como mensagem corporal, com todo respeito a Ele, uma meditação ao público.

3.1 Conceito de Sagrado

O aparecimento da permanência das práticas de (re)sacralização do mundo, instigou intelectuais das áreas da sociologia, da história, da antropologia e da teologia a revisitar essa temática e a propor novas abordagens. Por meio delas buscavam superar as respostas “clássicas” e trazer à tona outras possibilidades de entendimento do sagrado. Os gregos utilizavam o conceito de “hieros” para significar algo que era sagrado e que se referia ao divino, algo que era dotado de força e de luz. Em oposição ao “hieros”, usavam o conceito de “hagios”, que continha a ideia de maldito. A religião judaica introduziu a contraposição entre “sagrado” e “profano”. Esta contraposição foi incorporada pelo cristianismo, acrescentando-lhe a ideia de santidade de Deus e a de pecado. (MARCHI²⁸, 2005)

Pela análise de Durkheim, Marchi (2005) observa ainda que o sagrado é considerado como uma realidade antropológica, na medida em que todas as sociedades parecem ter desenvolvido essa concepção. Nessa perspectiva, o sentimento do sagrado teria origem na própria vida social. O que o homem religioso adora, por meio de sua religião, é a própria sociedade, seus valores, a sua visão de mundo. Assim, há a tendência de remeter para o campo do sagrado, tudo aquilo que se considera importante para a reprodução social. Desse modo, para ele, o sentimento e as atitudes para com o sagrado não se aplicariam apenas aos objetos

²⁸ Marchi- Possui graduação (bacharelado e licenciatura) em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1971) e graduação (licenciatura) em Letras Vernáculas pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Nossa Senhora Medianeira (1974) em São Paulo, mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1979) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1989). É professor aposentado da Universidade Federal do Paraná e atua como professor colaborador nos Cursos de Pós Graduação em História da UFPR, vinculado à linha de Pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e sentimentos na História. <https://www.escavador.com/sobre/926815/euclides-marchi>

religiosos, mas também a qualquer outra esfera da vida social, a exemplo das esferas cívica, familiar e amorosa.

O próprio Durkheim falava que religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos.

Marchi (2005) também afirma que o conceito de sagrado que ele estuda vem da abordagem de Rudolf Otto, em sua obra clássica, *O Sagrado*. Ali, levanta pontos essenciais visando o entendimento claro da idéia central do autor: o sagrado, como um conceito composto e complexo, possuindo intrínsecas relações entre seus elementos irracionais e racionais, a complexidade do sagrado decorre principalmente de sua composição: o elemento irracional, o numinoso, é o elemento racional, o predador. O Irracional no Sagrado, o Numinoso, derivado do termo latino *numen*, que significa deidade ou influxo divino, são elementos que compõem a parte irracional do sagrado, reação sentimental que vivenciamos diante do objeto numinoso, uma vez que este, o numinoso, pertence ao plano da experiência vivida, da vivência religiosa. A presença do *numen*, do divino, provoca uma reação emocional denominada de estado de criatura, ou sentimento de ser criatura, que desencadeia uma espécie de aniquilamento do ser, ou percepção de pura existência. Este sentimento de ínfima criatura frente ao mistério do divino é experienciado como se fosse a projeção de uma sombra, oriunda do objeto numinoso, na consciência. O predado, o predado racional, é o atributo que convém como apoio, mas que seguramente não esgota o sentido maior do sagrado. A título de ilustração, citamos alguns predicados, dentre os mais utilizados, apontados por Birck: todo-poderoso, onipotente, espírito, sumo bem e unidade de essência.

Por esta razão, o homem moderno, ao tentar racionalizar o sagrado, perdeu o significado mais profundo da sacralidade, dado que ela constitui uma das dimensões mais intangíveis e irrecusáveis do homem. Assim, o sagrado implica na luta entre o *mysterium* e o tremendo, o temor e o tremor. A luta entre o amor e o ódio, Deus e o diabo. O *mysterium* conduz ao admirável, ao assombroso, ao pasmo, à contemplação (MARCHI, 2005. p. 41).

O homem contemporâneo, assediado pelo desencantamento do mundo, é instado a enfrentar a realidade da vida sem deuses e sem profetas e a superar a crise de valores e a fragmentação das certezas. O risco é a possibilidade do esvaziamento dos espaços, das sociabilidades naturais para uma busca de refúgio no reino da transcendência, na vida mística ou na fraternidade das relações humanas diretas e pessoais.

Nas manifestações desta religiosidade cumpre-se uma das características descritas na concepção de sagrado: de um lado, observa-se a crença nos espíritos bons, aceitos e respeitados, que fazem o bem, que ajudam e que fazem a felicidade das pessoas; de outro, a adesão aos espíritos perigosos que fazem o mal, que prejudicam os homens e que levam as pessoas à perdição. Ambos refletem a experiência do “misterium”, do numinoso e do não racional, ambos geram rituais e práticas que povoam o imaginário individual e social.

Curioso é observar que, embora antagônicos, bem e mal se colocam como indispensáveis um ao outro, sendo que o primeiro não subsiste sem o segundo. Pratica-se o bem porque existe o mal, veneram-se santos e espíritos bons porque existem os maus. Os opostos encontram-se numa dimensão comum: ambos expressam a crença no sagrado, nas maneiras como ele se manifesta e na forma como difere do que é profano (BAY. 2004. p. 48-49).

Marchi (2005) traz o pensamento de Mircea Eliade, em que, além de uma categoria religiosa, o sagrado é também um princípio filosófico de compreensão do homem no mundo. Por esta razão, é mostrado como o completamente outro que transcende a qualquer ente profano, podendo estar presente em lugares, em pessoas ou objetos, no tempo, sob a forma de hierofanias. Algumas delas possuem um caráter universal, outra local ou regional, entretanto ambas são entendidas pelo homem como forma de imanência divina. Eliade escreve: “Temos que nos acostumar a aceitar as hierofanias em qualquer lugar, em qualquer área da vida fisiológica, econômica, espiritual e social. Na verdade, não sabemos se não existe algo – objeto, ação, procedimento fisiológico, entre, um jogo, etc. – que nunca, em algum momento da história humana, havia sido transfigurado numa hierofania”.

Marchi (2005), traz parte da tese de Roger Caillois, onde qualquer definição de

religião implica na oposição entre sagrado e profano e que o homem religioso pode agir sem angústia ou temor, ou com um sentimento de dependência íntima que retém, contém e dirige cada um dos seus impulsos. Assim, qualquer concepção religiosa do mundo implica a distinção do sagrado e do profano, opõe ao mundo em que o fiel se entrega livremente às suas ocupações, exerce uma atividade sem consequências para a sua salvação, um domínio onde o temor e a esperança o paralisam alternadamente, onde, como à beira de um precipício, o mínimo desvio no mínimo gesto pode perdê-lo irremediavelmente.

Coisas, lugares, tempos, eventos, ações, pessoas, comunidades, enfim, a vida como um todo, podem ser considerados sagrados se constituídos como objeto de devoção e culto e muitas vezes são separados fisicamente por muros ou por outras formas, tornando-se assim locais reservados ou com acessos restritos. Para o autor, essa separação é necessária uma vez que o sagrado não deve ser contaminado pelo profano, pois a sua presença degrada e arruína, destrói a bênção divina. Retira-se do lugar sagrado tudo o que pertence ao mundo profano para que ele não perca sua eficácia. Por esta razão, assinala que sem dúvida, em relação ao sagrado, o profano não está apenas impregnado de características negativas: parece, em comparação com aquele, tão pobre e desprovido de existência como o nada perante o ser. (...) Convém, pois, que certas divisórias estanques garantem um isolamento perfeito do sagrado e do profano: qualquer contato é fatal quer a um quer ao outro” (MARCHI, 2005. p.45).

O pensamento desses autores sobre o sagrado nos remete ao fato científico, que se caracteriza pela objetividade e do pensamento filosófico por princípios racionais. Quanto às contribuições da ciência e da filosofia ao processo de humanização, é possível observar que persiste a relação do humano com o transcendente, em busca de formas diversas de se relacionar com a natureza, com a sociedade e com o transcendente.

3.2 Dança como parte da Liturgia

Segundo Carvalho (2020), o lugar da dança no culto cristão é muito antigo, de forma que tal prática se tornou parte do costume judaico até meados do século III d. C. Vários fatores foram responsáveis pelo declínio do uso da dança como prática religiosa, dentre eles, a destruição do templo de Jerusalém que tinha amplos pátios que proporcionam espaços para dançar, além da ressignificação dos elementos que

compunham a tradição judaica. A dança, em seu caráter religioso, só foi retomada a partir do século XVIII, mediante um movimento de renovação chamado “hassidismo” entre os judeus poloneses, que consistia em expressar os sentimentos através da dança, como parte de sua filosofia. O povo judeu sempre ligou a dança sacra à sua identidade de “povo eleito de Deus”.

O debate antropológico entre dança e religião situa-se num território de tensões entre o sagrado e o profano. Se por um lado os antropólogos seguem diferentes formas de compreender o fenômeno religioso, por outro, muitas discussões teóricas têm sido realizadas sobre os significados culturais da dança no contexto religioso. Com isso, há estudos antropológicos em que a dança não se encontra culturalmente limitada à esfera do profano, podendo ser considerada um fenômeno sagrado, a dança litúrgica com a prática corporal fundada no cristianismo, uma doutrina religiosa monoteísta cuja estrutura mítica remete a Cristo, o filho de Deus e redentor da humanidade, o qual venceu a morte e ressuscitou.

Segundo Berni (2002), esse domínio do espaço-movimento foi a chave da Dança Simbólica, que funda o Cosmos e o Antropocosmos, no qual o Homem pôde ser o centro. E assim, a partir da “afinação” do corpo-sem-ser, através do Canto-Dança-Oração, surgiu a percepção de si mesmo, uma auto-imagem que, segundo Feldenkrais (1972), em sua obra *Consciência pelo Movimento*, formada a partir de quatro elementos integrados: movimento, sensação, sentimento e pensamento. Assim, ao tomar conhecimento de seu feito - a Dança - emocionou-se, pois percebeu-se integrado a si mesmo, e por isso, também, reverenciou a Dança.

Da mesma forma que a Dança foi capaz de refletir um estado de espírito, foi e é ainda capaz de criá-lo, como demonstrou Silvia Deutsch (1997), em sua pesquisa experimental, quando submeteu os participantes aos efeitos da música e da dança. Os resultados demonstraram que a música era capaz de alterar o estado de ânimo das pessoas e que, quando se juntava à Dança, essa alteração era potencializada. (Berni, p.62. 2002)

Berni²⁹ (2002) questiona ainda com iniciativas coloniais, muito depois do término do colonialismo oficial e governamental. A descolonização é um termo cada vez mais evidente nos estudos da performance e das artes. Colonização suplantou amplamente o termo pós-colonial, indicando uma mudança entre as circunstâncias passíveis de críticas geradas pelo colonialismo e o trabalho ativo contra elas. O termo sugere que os artistas, os criadores e os estudiosos adotam uma abordagem anti-imperialista no fazer, no ensino e na teoria das artes à luz das múltiplas crises que enfrentamos atualmente. E dança integram diversas formas de dança e deslocavam do foco principal o balé e a dança moderna, colocava em prática estudos críticos de raça e críticas pós-coloniais na construção do currículo. Incumbida de descrever como o currículo movimentos de descolonização, achei que seria importante problematizar o assunto. Com discursos e representações culturais procuram inscrever os nossos corpos. Nesse sentido, é possível compreender que a dança não está isenta de operar, ao lado de muitas outras práticas de ritualização dos usos cotidianos do corpo, como uma pedagogia cultural de gênero, por meio da qual desigualdades sociais de gênero são reproduzidas, através da configuração de diferentes maneiras de usar o corpo por homens e mulheres.

Elas têm sido construídas e reforçadas, ao longo da história, segundo Butler (2003), a partir de processos de significação simbólicos e discursivos que teriam associado às ideias de força e vigor, ao falo, ao pênis, significados em relação à masculinidade. Sendo assim, aos portadores de um pênis teria sido atribuída a ideia de uma identidade masculina associada a características tais como: potência, agressividade, firmeza, força, iniciativa, dinâmica, racionalidade, etc. Às fêmeas, em oposição a esse poder fálico do macho, restam características, digamos, “complementares”, tais como: de ser frágil, passiva, delicada, sentimental, emotiva e sensível. (ANDREOLI. p 109-110 2010)

Falar em cultura popular não significa a intenção de popularizar os grandes modelos culturais, de maneira a fazê-los acessíveis ao povo, mas sim, descobrir, valorizar e desenvolver suas criações espontâneas, principalmente no que diz respeito às artes e ao folclore em geral.

²⁹ Berni- Graduado em Psicologia pela Universidade São Marcos - UNIMARCO (1990), mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP (2002), doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP (2008). Membro fundador do Centro de Educação Transdisciplinar - CETRANS (1998) e do Instituto Rose-Croix de Pesquisa, Ensino e Extensão - IRCEP (2015); Coordenador e pesquisador do Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD). <https://www.escavador.com/sobre/6745980/luij-eduardo-valiengo-berni>

A palavra FOLKLORE, “saber tradicional do povo”, foi criada em 22 de agosto de 1846, através das pesquisas do arqueólogo inglês William John Thoms. Por meio da coletânea de contos, lendas, provérbios, adivinhas, mitos, adágios, canções, narrativas e dizeres populares, transmitidos oralmente, mostrava-se seu interesse nas chamadas “Antiguidades Populares” (FRADE, 1997). (Grechi. p. 2. 2021)

Para Delbem³⁰ (2007), através da releitura da Carta do Folclore Brasileiro (1995), é possível entender que o fato folclórico surgiu da criação do povo e que é por todos aceito, desmistificando sua existência em guetos, nos fazendo pensar que todos são portadores de folclore, nas suas superstições, piadas, remédios caseiros, correntes de oração, ditos populares e provérbios.

No início do cristianismo, a dança era vista como uma forma espontânea de adorar a Deus nos momentos de culto. No decorrer dos séculos, ela sofreu complexas modificações estruturais, devido aos processos de aculturação e à assimilação de diversos significados sociais pejorativos dirigidos, ora à dança litúrgica, ora à dança profana. Vários autores ressaltam que a dança litúrgica passou por períodos de arrefecimento e retomadas. Nos últimos anos, tem-se os sinais da “ressurreição” da Dança Litúrgica Cristã nos cultos cristãos ocidentais, sendo que, no cenário reformado, esse processo pode ser observado a partir do início da década de 1970, chegando ao Brasil nos anos 1990. (FERNANDES; TEIXEIRA; CAMINHA. 2017).

O aparecimento da dança na liturgia estará proporcionando uma experiência religiosa, como encontro com o sagrado. A crescente complexidade das manifestações dançantes nos atos litúrgicos tem fomentado os mais variados aspectos que incluem a reconstrução do corpo, a integridade do ser, suas crenças, sua cultura, teologia e história. A má compreensão da dança litúrgica tem permeado o pensamento dos diversos segmentos religiosos, círculos teológicos, pastores, líderes eclesiais e leigos.

³⁰ Delbem- Especialista em Gestão Educacional pela UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, licenciada em Pedagogia e Geografia pelo UNAR, Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson. Diretora de escola na Rede Estadual de Ensino a partir de 2003, tendo acumulado experiência na área de ensino em diferentes níveis (fundamental I, II e médio), desde 1991. Professora do UNAR desde 2004, atuando nos seguintes cursos: complementação pedagógica em Geografia e Pedagogia, formação continuada de professores, graduação em Geografia. Tem experiência nas seguintes áreas: relação ensino-aprendizagem e didática, atuando ainda nos seguintes segmentos: folclore e educação; geografia física e humana.

Culto, palavra de origem latina que significa “cultivar, cuidar, tratar, honrar, venerar”; adoração ou homenagem a divindade em qualquer de suas formas e em qualquer religião. Ao longo dos séculos, o comportamento do ser humano no culto tem se alterado. Schallenger (2010), ressalta a visão do filósofo dinamarquês, Soren Kierkegaard, quando compara o culto com os elementos que estão presentes no teatro. Sua preocupação se originara com os caminhos que a Igreja Luterana estava trilhando. Para ele, no teatro se encontram pelo menos três elementos: a platéia, que é o público para quem está sendo dirigida a mensagem; os atores, que são os que veiculam a mensagem; e o ponto, que é o que ajuda e serve de apoio para os artistas. Com estes termos e neste pensamento, uma possível comparação do teatro com o culto ficaria desta forma: a plateia sendo a congregação; os atores, o sacerdote, ou o pastor, ou o regente, ou o coro; e o ponto sendo Deus (o sagrado). Segundo Leila Gusmão e Westh Ney, quando se pensa em culto cristão, a comparação deve ficar assim: Deus (o sagrado) como plateia; a congregação, os atores; e o sacerdote ou pastor, o ponto. Em suma, o culto é o encontro do ser humano com Deus e deste com aquele.

Torres (2007) diz que no meio evangélico contemporâneo é possível ver que a dança possui características religiosas, no sentido de não ter o objetivo de ser uma apresentação, mas uma ministração. Porém, fica explícito que a forte presença das danças teatrais na contemporaneidade, seguidas do apelo comercial pós-moderno, fazem com que muitos grupos, que iniciam com uma proposta de ministrar ao sagrado, caminhem para o aspecto de danças teatrais voltadas para o culto.

Segundo Carvalho (2019), a dança nos cultos evangélicos brasileiros é acionada como um instrumento de adoração, que possui estreita relação com a pentecostalização de suas instituições religiosas, mais precisamente é ao neopentecostalismo. A instauração da dança enquanto um meio de adoração é percebida como essa prática do avivamento religioso sentida no corpo e que se efetivou com o neopentecostalismo. Nesse momento, o cristão sente a necessidade de expressar a relação com seu Deus através de seu corpo, e não mais somente através de palavras, logo, este mesmo corpo passa a adquirir um novo significado, tendo em vista que, se antes ele era considerado pejorativamente como “morada do pecado” e como tal deveria ser negado a todo custo, agora se constitui no

instrumento que permitirá ao fiel executar tal prática, passando a ser um corpo santificado para esse serviço em favor de Deus.

Segundo Torres (2007), os cristãos, que durante muitos anos se abstiveram da dança, e que agora a tem incluído como possibilidade de expressão, integração, comunicação e como forma de culto, realizam uma dança livre das bases de técnicas tradicionais, ballet clássico ou a dança moderna, possuindo uma grande liberdade de expressão de movimentos, não se limitando aos movimentos pré-estabelecidos, o que a caracterizaria como uma reza decorada, mas passando a ser uma oração, uma fala espontânea, que exprime sentimentos e intenções ao Sagrado.

Os tipos de dança se assemelham aos tipos de oração que normalmente se realizam no meio protestante. Se o momento pede uma oração de intercessão, o movimento é de prostração e súplica. Se o momento pede celebração, a dança é cheia de saltos e rodopios. Se o momento pede uma oração de arrependimento, a dança é cheia de movimentos de contrações e prostração.

Batista (2020) aponta os estilos de dança litúrgica que existem e algumas formas de se estabelecer as coreografias, tanto para o período de louvor, como em apresentações. Os grupos de dança embora atuantes em denominações diferentes possuem os mesmos recursos para tais composições. São eles:

- a) Antífona/Responsorial:** é como um momento de pergunta e resposta. Na antífona um indivíduo realiza uma sequência de movimentos sendo respondido por um grupo de indivíduos com a mesma sequência. Já no responsorial, é um grupo perguntando através das movimentações e pausa o movimento, enquanto o outro responde com sequência diferente;
- b) Cânon:** são movimentações feitas em sequência, uma após a outra. É como uma onda, por exemplo a “ôla”, movimento de onda realizado com frequência pelas torcidas nos campos de futebol;
- c) Contraste simultâneo:** movimentos diferentes realizados ao mesmo tempo, ou um após o outro;
- d) Corrente:** formação de roda com as mãos dadas em grupo, onde ao cruzar forma se a corrente;

e) Espelho: utilizado com mais frequência com duplas, é uma sequência de movimentações feitas como um espelho, onde uma componente fica de frente a outra e faz as mesmas movimentações propostas pela dupla. As movimentações são feitas ao mesmo tempo;

f) Foco: o foco geralmente é feito em grupo, é um momento em que uma pessoa sai da sequência de movimentos ao encontro de um ponto fixo, esse ponto chamamos de foco. Os demais integrantes vão também a esse foco com movimentações diferentes, podendo se utilizar dos planos alto, médio e baixo. Esse deslocamento acontece de um por um e ao chegar no foco deve-se focar nele com o movimento ou somente com o olhar;

g) Foto: movimentos com pausas. Seja todos juntos ou separadamente o importante é destacar a pausa ambos no mesmo tempo;

h) Níveis: os níveis são os momentos de movimentação em que podem ser utilizados níveis diferentes. Alto, com as movimentações em pé. Médio, usando um plano na medida de como se estivesse de joelhos, uma dimensão um pouco mais abaixo do alto. E o baixo, que são as movimentações executadas em maior contato com o chão;

i) Uníssono: sequência de movimentos do mesmo jeito, executadas ao mesmo tempo. É o recurso mais comum em uma montagem coreográfica.

Segundo Corrêa (2014), a dança se apresenta neste meio como uma maneira de manifestar ao sagrado algo que as palavras não dão conta. O movimento é uma expressão de agradecimento ao seu Deus, arrependimento e outros sentimentos que têm relação com o sagrado. Torres (2012, p. 42) afirma que a dança para os evangélicos “seria uma oração onde não se usa somente a linguagem verbal, mas também a linguagem corporal”. A dança seria mais uma maneira de orar. Em geral, a Dança do ambiente evangélico, assume que a inspiração, sobre a qual falo no início do texto, vem do sagrado, na intenção de passar uma mensagem relacionada ao tema cristão escolhido, de proporcionar ao público sentir e entender.

No seu estudo, Corrêa (2014) aponta que os elementos cênicos seguem o

mesmo padrão de uma criação de fora desse ambiente, porém o figurino adota uma linha de preservação, uma roupa que não provoque desejos sexuais, que se utiliza-se muitos panos para não marcar o corpo, que tenha cuidado com os decotes, transparências e marcas. As cores utilizadas nos figurinos, na maioria das vezes são escolhidas a partir dos significados das mesmas, os simbolismos estão relacionados com versículos bíblicos e grande parte dos coreógrafos cristãos considera isto como referência ao fazer suas escolhas quanto às cores utilizadas nas cenas.

A caracterização dos tipos de dança que se realizam no culto cristão protestante é, então, definida mais pela intenção do que pela forma a qual é realizada. Os tipos de dança se assemelham aos tipos de oração que normalmente se realizam no meio protestante, de acordo com a pesquisa de Torres (2007).

Dança de júbilo — São danças alegres, com saltos, palmas, gritos, celebrando os feitos de Deus. Acontece normalmente no início das reuniões, utilizando músicas rápidas, regadas por um ambiente festivo. São baseadas nas citações bíblicas que falam sobre se alegrar com danças (Sl 150,4) e sobre a dança da profetisa Miriã quando celebrava a vitória na travessia do Mar Vermelho (Ex 15,20). O alvo é, junto com a congregação, expressar a Deus louvor e gratidão pelos seus feitos.

Dança de guerra — A dança de guerra é uma dança realizada contra as forças espirituais malignas. É como uma oração impedindo uma ação espiritual considerada maligna, na medida em que se exerce uma autoridade espiritual, que segundo o cristianismo evangélico, foi conquistada em Jesus Cristo (Lc 10,19; Ef 1,20-22). É composta de marchas e movimentos que expressam autoridade. Indicam uma cosmogonia, ou tomada de posse do ambiente, à medida que realizam as marchas sobre um local específico. Ao pisar a planta dos pés em um determinado ambiente, indica que a Divindade estaria entregando este lugar em suas mãos. “Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé vo-lo tenho dado” (Js 1,3). Esta dança pode ser feita em grupo ou individual, geralmente acontece de forma não programada, sendo direcionada por

uma revelação divina. Biblicamente, esta dança está presente na ocasião da queda dos muros de Jericó, feita após uma marcha de sete dias realizados pelo povo (Js 6,3,4). Outra referência seria a batalha de Josué contra os Filisteus, que venciam a luta enquanto Moisés permanecia com os braços levantados e a perdiam quando ele abaixava os braços, indicando um movimento que ordenava vitória sobre aquela guerra (Ex 17,11).

Dança profética — Baseado nos profetas do Antigo Testamento, dom profético era um ofício espiritual especial que consiste em revelar verdades, indicando onde existe a necessidade de haver concertos. Os profetas da igreja cristã primitiva eram pessoas que após receberem dons carismáticos, exerciam o ofício de profetas proferindo declarações inspiradas, trazendo direção, exortação ou mesmo consolação da parte de Deus. "Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação" (1 Co 14,3). A profecia não consiste em uma previsão do futuro, mas em uma afirmação inspirada pelo Sagrado. É uma maneira de trazer uma comunicação do transcendente para o âmbito natural. A dança profética, por sua vez, consiste em, através da linguagem do movimento, o ministro profetizar trazendo da parte de Deus uma palavra direcionada à congregação, ou mesmo ao momento em questão. Como no protestantismo todo aquele que aceita a fé em Cristo é considerado um sacerdote, um crente compromissado com sua fé, possuindo o dom carismático, pode profetizar através da dança. É uma dança onde o bailarino vestido com as cores de um determinado país executa movimentos que expressam arrependimento; pode ser uma palavra profética que aquele país precisa se arrepender de seus maus caminhos e buscar a Deus se rendendo a ele.

Dança de intercessão — Interceder é se colocar no lugar de outra pessoa, para falar a favor dela. Quando um bailarino na mesma situação citada no parágrafo acima executa os mesmos movimentos de arrependimento diante de Deus, ele pode, além de estar profetizando,

estar intercedendo, pois, se coloca no lugar daquela nação, se arrependendo pelos pecados dela.

Dança evangelística — São danças realizadas com o intuito de proclamar o evangelho. Possuem o caráter de apresentação, onde o alvo é o público que o assiste. Podem ser realizadas fora ou dentro do ambiente do culto, em ocasiões onde possíveis novos adeptos estejam presentes.

Dança de ensino — São danças que ilustram pregações, tendo intuito de auxiliar no ensino da doutrina. Também possuem o caráter de apresentação, com alvo no público presente.

Dança de adoração — São danças onde o alvo é exclusivamente o Sagrado. Cada bailarino procura expressar individualmente sua adoração ao Sagrado, expressando profundo amor e devoção ao proclamar sua grandiosidade. A crença que o acesso de cada indivíduo à presença de Deus foi conquistado em Cristo, faz com que este seja um íntimo momento de comunhão da criatura com o criador.

O fenômeno da dança que é realizada no culto evangélico protestante se assemelha ao fenômeno da oração, a dança sagrada possui também um aspecto estético, que promove, entre ambos, a comunhão com o Sagrado. Mesmo não participando ativamente da dança, o espectador pode ter um sentimento profundo de comunhão com Deus, simplesmente ao assistir um bailarino adorando a Deus com danças, fala Torres.

4. CONCLUSÃO

No presente trabalho, é feito um levantamento bibliográfico sobre a temática da dança na liturgia no movimento religioso protestante. Destacando o protestantismo e seu crescimento como religião, salientando o seu lugar de crítica a uma outra religião que era imposta como oficial. Isso foi extremamente importante para minha trajetória acadêmica e mesmo religiosa, pois eu não tinha tanto conhecimento da história do protestantismo, sobre como ela surgiu. No cotidiano cristão, nas igrejas, geralmente não se prega ou se estuda profundamente, a não ser que se faça curso de teologia.

Importante também compreender que, mesmo o protestantismo, surgido como quebra de todas as barreiras construídas no catolicismo, tempos depois, se consolidou também com as mesmas barreiras de conhecimentos, em que só uma parte da população é alcançada. A maioria dos seguidores e fiéis não tem conhecimento de quem foi Lutero e o que ele fez para a transformação e prática do cristianismo.

Minha congregação completou 20 anos agora em 2021, e já tiveram várias transformações. Antes era mais conservadora, sendo agora moderna e tradicional. Ou seja, conserva-se alguns princípios como todo corpo doutrinário, doutrina da salvação, a leitura e interpretação da bíblia, os cultos de batalha espiritual, mas também se abriu para louvores com instrumentos eletrônicos e vozeirões que toca e canta músicas pop rock, dança como parte da liturgia, as vestimentas são liberais, mantendo um senso de pudor e “consciência” na escolha de quais vão se utilizar. Se localiza como uma igreja da segunda onda, com características dos anos 60 e 70, ou seja, conservadora, de vinte anos atrás. Seguia a linha da igreja Quadrangular e da Igreja Brasil para Cristo, não era pentecostal clássica e nem se identificava como neopentecostalismo, pois não se queria pregar a teologia da prosperidade, o pastor não queria essa visão. Inicialmente, a igreja se denominava Assembleia de Deus - Ministério Missões Sem Fronteiras, possuindo a identidade Assembleiana, porém, ao longo dos anos, não era possível identificar qual segmento a congregação seguia, havia uma variação de estilos de igrejas misturadas, cantava-se corinhos de fogo,

típicos da Deus é Amor, aos sábados, o culto de jovens era comandado pelos líderes de jovens e no domingo de adoração. A liturgia do culto foi alterada pelo fato do pastor ingressar na faculdade de história e, posteriormente, no curso de teologia, objetivando um conhecimento maior do protestantismo, de modo que sua “mente se abriu” e, aos poucos, foram introduzindo outras liturgias modernas, se atualizando nas transformações.

Nesse caminho percorrido pelo protestantismo, tiveram várias mudanças, entretanto, ainda conheço algumas igrejas, particularmente na região que moro, que preservam traços mais tradicionais e fechados. Este estudo ampliou o entendimento sobre os comportamentos e variedade das igrejas, que vão desde os perfis mais tradicionais até as modernas, traços tradicionais referentes da ordem litúrgica que se tem uma programação a se cumprir de forma rigorosa, as vestimentas que o cristão deve usar, se tem roupas específicas, como não marcar o corpo, mulher usam vestidos e saias longas e blusas um soltas, divisão entre o lados dos homens e das mulheres para não se sentarem juntos, e as modernas, que inauguram posturas de usos de instrumentos musicais e vozeirões no louvor que antes não se tinha, as roupas são mais liberais, entra em questão o uso de calça e shorts, mas, se tem o pudor para não sensualizar para os homens, e se tem a dança como parte da liturgia da igreja.

Esse estudo foi uma revelação. Sempre fui muito curiosa, só que minha curiosidade não fazia eu perguntar para estudar, ficava calada e com um monte de interrogações na minha cabeça. Por ser muito tímida, isso atrapalhou muito e, quando ingressei na faculdade, já pensei: será possível estudar dança cristã? No meio do curso descobri que sim e achei maravilhoso estudar várias questões da religião para chegar até a dança, entender o porquê e como ela faz parte da liturgia.

Conhecer as transformações do protestantismo e entender como a dança foi inserida na religião, sendo parte da liturgia cristã, me fez mais segura e consciente dos processos de inserção da própria dança nesse contexto e dos reflexos das concepções de corpo aí. Sem o corpo não tem dança, e falar do corpo é importante, por mais que sempre foi intitulado como pecaminoso, através de Cristo, que veio para remissão do pecado que carregava, passa a ser um lugar santificação, ter um olhar diferente, e ver o corpo através da dança como uma liturgia não verbal da prática da

palavra através do corpo, como isso o corpo é santificado, santo, limpo e purificado de todo mal que foi condenado no princípio.

O protestantismo é uma religião pautada na dualidade entre o bem e o mal, no que é pecado e no que não é pecado, onde o mal do mundo se refere ao pecado original do homem, como no catolicismo. Assim, o corpo acaba sendo uma prisão da alma, algo pecaminoso, impuro e a salvação e o bem está condicionado à proteção da alma, sendo puro, relacionado a morada da alma, num é transitório, a diferença dos protestantismo que as pessoas leigas pode ter acesso a palavra e entender esse pecado e ter uma reflexão da palavra e a Bíblia como a única referência da verdade, dá essa oportunidade, de ter acesso ao livro da Bíblia, antes os católicos apostólicos romanos não tinham esse acesso, somente através do papa.

A concepção de corpo cristão é muito marcada pelo dualismo, vindo das ideias de Platão que possuía uma visão mais dicotômica, na qual o corpo servia de prisão para a alma. Esse pensamento permaneceu na idade média e esteve presente também no protestantismo. Uma das heranças protestantes é o dualismo neoplatônico de corpo/alma, tendo no corpo o cárcere da alma ou como servo desta. Essa questão do corpo cristão conservador, é uma experiência marcada pelo ambiente que cresci, onde tocar no corpo era algo negativo, por ser conservadores, mas não tinha o conhecimento desta questão de tocar e entender o nosso corpo também. E, quando entrei para a igreja, continuava essa questão de o corpo não ser algo palpável, certos movimentos na dança não se podiam fazer, com a justificativa de não levar a sensualidade quando estivesse dançando. Eu era muito retraída na infância e na adolescência, mas sempre gostei de dançar todos os estilos. Quando entrei para a igreja cristã, certos movimentos não eram permitidos, através desta situação comecei a retrain meu corpo, com o tempo não conseguia executar certos movimentos como do quadril.

Com um bom tempo dançando na coreografia da minha igreja, familiares me indicaram para me especializar e transformar a minha dança em uma profissão, de início não acreditava em ter a dança como profissão, pensando apenas em tê-la como *hobby*. Com muita insistência entrei na faculdade, para levar a dança para o lado científico, demorei para concordar, pois queria seguir outro rumo, falo que foi Deus, que quis que eu fizesse faculdade de dança. Ocorreu vários fatos difíceis para

estar aqui. E ser estudioso na dança abre a mente, como é importante estudar tudo, principalmente sobre o contexto em que se está inserido, te ajudando a entender cada momento da história de uma música para se dançar. A dança não é apenas dançar, pois é necessário preparação e conhecimento para executar uma coreografia. Estudando, aprendi a entender a cultura de cada dança, com os seus ritos, que trazem características no corpo de cada comunidade, que, assim como eu, tenho uma identidade de uma determinada dança cristã.

A dança é uma arte criadora, onde se expressa todos os sentimentos através do corpo. Trata-se da dimensão de uma construção cultural, revelando as vibrações, assim é a dança na liturgia, é um conto de uma história, expressão de um sentimento que a música traz, que o movimento é uma revelação da subjetividade, produtora de sentimentos, pensamentos e um corpo dançante de uma expressão e transmissão. E como ser dançante, sinto como se sai um fluido de vibração de sentimentos corporal, em intensidade, mesmo nervosa, não deixo de sentir o prazer de dançar, de estar ali, para executar cada movimento, e colocar os sentimentos que a música me transmite para levar a mensagem ao público, para sentir e perceber que a palavra de Deus está ali, nos meus movimentos, no meu corpo que é morada do Espírito Santo.

E com a junção da Gislene cristã e a Gislene acadêmica, me faz um ser completo, onde estou preparada para executar a teoria da dança acadêmica até a prática de elaborar uma coreografia com excelência, junto com elementos cristãos, sem perder essa essência da dança litúrgica, aprimorando a dança, para dançar a Deus com excelência, com todo meu amor a Ele.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Flavio Lemos. **A política religiosa da monarquia inglesa sob Jaime I e a crítica de Francisco Suárez na Defensio Fidei (1613)**. Dissertação de Mestrado de História Universidade Federal Fluminense. Niterói. Repositório UFF Institucional. Pág. 212. 2012.

BATISTA, Maria Karolina Pereira. **Dança na igreja: a liturgia no contexto**. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Centro de comunicação, turismo e artes departamento de cênicas licenciatura em dança. João Pessoa. Pág. 44. 2020.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. Universidade do Porto, Porto, Portugal. Psicologia & Sociedade. Pág. 24-34, 2011.

BAY, Dora Maria Dutra. **Fascínio e terror: o sagrado**. Caderno interdisciplinar em ciências humanas. Fpolis. Pág.18. Dez. 2004.

BERNI, Luiz Eduardo Valiengo . **"A dança circular e sagrado".Um estudo exploratório das relações históricas e práticas de um movimento New Age, em busca de seus aspectos numinosos e hierofânico**. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p86. 2002

CALDEIRA, Solange Pimentel. **A RELIGIOSIDADE NA DANÇA: entre o sagrado e o profano**. Revista História em Reflexão: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados. Pág.13. jul/dez 2008.

CARVALHO. Keila Márcia Ferreira de Macêdo. **O corpo como espaço de louvor e adoração mediante a dança**.Universidade Católica de Goiás departamento de filosofia e teologia mestrado em ciência da religião. Goiânia. p.168. 2006.

CARVALHO, João Victor Mendes. **O louvor e a adoração a Deus com dança por Isabel Coimbra**. Sacrelegens, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 166-179, jul-dez/2019.

CARVALHO, João Victor Mendes; CARNEIRO, Abimael Gonçalves. **Dança litúrgica: uma experiência de adoração**. Braz. J. of Develop. Curitiba, v. 6, n. 7, Pág. 44079-44091. jul. 2020.

CAMPOS, Breno Martins. **A divisão sexual do pecado no protestantismo brasileiro**. Congresso Internacional da Faculdade EST., 1., 2012, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, Pág..1383-1396. 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva.** Revista USP, São Paulo, n. 61, Pág. 146-163, mar./mai. 2004.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade.** Revista Eletrônica Print by <http://www.ufsj.edu.br/revistalable> Μετάνοια, São João del-Rei/MG, n.14, 2012.

CARVALHO, João Victor Mendes. **O louvor e a adoração a Deus com danças por Isabel Coimbra.** Sacrilogens ,v. 16, n. 2, Pág. 166–179, 2020.

CAZÉ, Ana Flávia J. O. **A DANÇA NA IGREJA: PROPOSIÇÕES DE ENSINO.** Anais VII Congresso da ABRACE- Associação Brasileira de Pesquisa e Pós- Graduação em Artes Cênicas, tempo de memórias. Porto Alegre. Pág. 6. Out. 2012.

CORRÊA, Andressa Rodrigues. **A criação em dança: um olhar sobre o grupo evangélico de dança Estudo do Corpo.** Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Artes – Curso de Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.Pág.61.2014.

CUNHA, Magali dos Nascimento. **“Vinho novo em odres velhos”. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil.** Tese mestrado. USP. São Paulo. 2004.

DELBEM Danielle Conte. **Folclore, identidade e cultura.** UNAR, Araras (SP), v.1, n.1, p.19-25, 2007

ESPÍNOLA, Rebecca Soares. **Mítica, sagrado e natureza : uma análise literária da heroína Anna-Maria em Les Fantômes du Brésil de Florent Couao-Zotti.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Pág. 79. 2015.

FERNANDES, Bertyza Carvalho Falcão; TEIXEIRA; Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. **“Dançarinos sacerdotes” na liturgia cristã: um registro de conflitos culturais na dança litúrgica.** Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 2., Pág. 771-782, abr./jun. de 2017.

GADIS,Laura Merisio; NASCIMENTO, Kétlyn Gabrielle Cruz do; GRECHI, Ivanna Schenkel Fornari Grechi. **A cultura expressa por meio da dança:uma mostra do Festival Internacional de Etnias** v. 1 n. 12 (2019): Anais da XII Mostra Nacional de Iniciação Científica e Tecnológica Interdisciplinar (MICTI), P.5. 2021

GOULART, Denise Alessandra. **O espaço do jovem em meio ao crescimento evangélico.** IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Pág.11. 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Relação étnico- racial educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras.** Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr 2012.

JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos; ROSA, André Luís da. **Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal.** Encontros Teológicos. Florianópolis. V. 31. N. 2. Mai./Ago. 2016.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Tradução de Marcos Flamínio Peres; revisão técnica de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Pág.207. 2006.

LARA, Larissa Michelle. **Dança: dimensão entre sagrado ou profano.** Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2, Pág. 94-107, dez. 1999.

LIMA, Welington Fernandes de. **DANÇA LITÚRGICA: Modismo ou manifestação cultural.** Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. Pág. 6. set. 2012.

MARCHI, Euclides. **O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades.** História: Questões & Debates, Editora UFPR Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005.

MATOS, Alderi Souza de. **Movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário.** FIDES REFORMATA XI, Nº 2 (2006): Pág. 23-50.
MENDONÇA. Joêzer de Souza. **O gospel é pop: música e religião na cultura pós-moderna.** Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” Instituto de Artes. São Paulo. Pág. 196. 2009.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas.** Revista USP, São Paulo, n. 67, Pág. 48-67, set./nov. de 2005.

MOREIRA, Thiago. **A ressignificação do papel do corpo na performance ritual do protestantismo renovado.** Sacrelegens v. 13, n. 2, Pág. 152–166, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/sacrelegens/article/view/26914>. Acesso em: 13 nov. 2021.

NETO, Antônio Augusto Machado de Campos. **O cristianismo. O direito canônico.** R. Fac. Dir. Univ. SP v. 105 Pág. 39-77 jan./dez. 2010.

NETO, Antônio Augusto Machado de Campos. **O cristianismo. O direito russo.** R. Fac. Dir. Univ. São Paulo v. 109 Pág. 75 - 105 jan./dez. 2014.

NUNES, Tarcílio Divino. **O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil: um olhar sobre a política da Igreja Universal.** Cadernos de Pesquisa do CDHIS. N. 35. Ano 19. Pág. 127-132. 2006.

PORTELLA, Rodrigo. **Pentecostalismo clássico e valores de autonomia: sobre símbolo das representações pentecostais.** Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 6, n. 10, jul/dez, Pág. 03-15. 2012

RIVERA, Paulo Barrera Rivera. **Festa, corpo e culto no pentecostalismo: Notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano.** Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, Pág. 11-38. 2010

RODRIGUES, Elisa. **Lutero, questões hermenêuticas e a Reforma Protestante.** Reflexão, Campinas, Pág. 155-163, jul./dez., 2016.

RODRIGUES, Renato Gonçalves. O corpo na história e o corpo na igreja hoje. III Fórum Nacional corpo e cultura. Corpos e práticas corporais: entre os conceitos e a realidade. Pág. 13. 2013.

RODRIGUES, Renato Gonçalves. **A dança no movimento evangélico no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Artes)—Universidade de Brasília, Brasília, Pág. 140. 2014.

SALLES, Paula Francisco. **A Nova comunicação do corpo cristão: a transformação da imagem do corpo sagrado na mídia.** Mestrado em comunicação e semiótica. São Paulo. Pág. 204. 2014.

SARAIVA, Maria do Carmo. **O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação.** Movimento, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 219-242, setembro/dezembro de 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). **Políticas do corpo.** São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1995.

SENHORAS, Eloi Martins; SANTOS, Alexandre Felipe Pinho dos; CRUZ, Ariane Raquel Almeida de Souza Cruz. **Expansão do protestantismo no Brasil e suas configurações na Amazônia legal.** Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 18, n. 25, p. 136-149, dezembro de 2016.

SANTOS, Zelia Priscila Nogueira Rodrigues dos. **Dança gospel: adoração, evangelização e mercadoria no contexto religioso evangélico.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós Graduação em Dança, Escola de Dança. Pág. 115. 2020.

SCHALLENBERGER, Djoní. Dança Litúrgica: Símbolo, Rito, Linguagem Religiosa e Cultural. Teologia & Espiritualidade – Revista Eletrônica da Faculdade Cristã de Curitiba. Pág. 23. 2010.

SOUZA, Nilson Levi Zalewski de. **Religião e desenvolvimento: uma análise da influência do catolicismo e protestantismo no desenvolvimento econômico da Europa e América.** Disse. (Mestrado) – Faculdade de Economia. Programa de Pós-Graduação em Economia. PUCRS. Porto Alegre. Pág. 97 f.2007

TORRES, Luciana R. Pinheiro. **A dança no culto cristão.** Dissertação (mestrado) –Universidade Católica de Goiás.Mestrado em Ciências da Religião, Pág.125. 2007.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. **Renovação carismática católica e pentecostalismo evangélico: convergência e divergência.** Debates do NER. Porto Alegre. Ano 17. N. 30. Pág. 219- 245. Jul/ dez. 2016.

VIEIRA, Paulo Henrique. **A filosofia política de Martinho Lutero.** Estudos Teológicos. Pág.58-80, 2002.

WACHHOLZ, Wilhelm Fábio Augusto; DARIUS, Fábio Augusto. **Sobre a integridade humana e a mortalidade da alma a partir dos escritos de Ellen White.**São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1. Pág. 299-314. 2012.

WREGGE, Rachel Silveira. **As igrejas neopentecostais: educação e doutrinação.** Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação Tese de doutorado. Pág. 134. 2001.

WULFHORST, Ingo. **O Pentecostalismo no Brasil.** Estudos Teológicos, Programa de Pós-Graduação em Teologia. Faculdade EST. Diadorim. Pág. 7-20.

ANEXOS

Lista de significado das cores segundo Nassur sobre a pesquisa de Corrêa (2014)

Branco – síntese de todas as cores. Representa a pureza da alma. É a cor da paz e da perfeição. Pode simbolizar a claridade, mas ao mesmo tempo, palidez, frieza e esterilidade.

Preto – cor que absorve as demais; símbolo da escuridão, da interrupção da vida, do sofrimento, da dor, do silêncio, do abismo, do medo, do luto.

Vermelho – cor do fogo, do perigo, da paixão; símbolo da coragem, da vitalidade/ cor da felicidade (no Oriente).

Laranja – cor do aconchego e do bem-estar; símbolo do otimismo e da generosidade. Representa esperança, juventude, prosperidade.

Amarelo – cor do sol, da luz; símbolo de riqueza e de alegria.

Verde – símbolo do equilíbrio. Relaciona-se com a natureza – princípio e fim de tudo. Representa esperança, juventude, prosperidade.

Azul – cor da purificação e da busca da verdade interior. É a cor do mar e do céu. Pode exprimir distanciamento e aproximação. Simboliza serenidade, harmonia, amor e fidelidade.

Lista de significado das cores

Lista de significado das cores segundo Matos (2010, p. 19-21) sobre a pesquisa de Corrêa

Vermelho (escarlate, carmesim) – sangue (remissão de pecados), reconciliação, sacrifício (Hebreus 9:12-14).

Azul – céu (chuva), graça celeste, revelação divina, autoridade (Ester 8:15). Púrpura / Roxo – realeza, majestade.

Branco – pureza, santidade, justiça (Ap 19:8).

Prata– redenção, palavra de Deus.

Ouro, dourado – divindade e a glória de Deus (Êxodo 40).

Bronze, cobre, metal – julgamento (Números 21:9).

Amarelo – celebração e alegria (em referência ao óleo) unção, glória de Deus (Ezequiel 1:4).

Verde – nova vida, florescimento, renovo, vigor, prosperidade, esperança. Marrom / Cinza – arrependimento e humilhação.

Laranja – fogo e Espírito Santo, louvor.

Ameixa – riqueza, abundância, ser cheio do Espírito Santo.

Documento Digitalizado Público

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final
Assinado por: Matheus Souza
Tipo do Documento: Documentos
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

■ **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 04/04/2022 14:33:58.

Este documento foi armazenado no SUAP em 04/04/2022. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 265693

Código de Autenticação: cfbdfb7f7

